

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADRIELLE DOS SANTOS SANTOS

***CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE
PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA***



AMARGOSA-BA

SETEMBRO / 2021

ADRIELLE DOS SANTOS SANTOS

**CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA EM
SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Gomes.

**AMARGOSA-BA
Setembro/2021**

ADRIELLE DOS SANTOS SANTOS

**CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA EM
SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovada em 30 /09 / 2021

BANCA EXAMINADORA



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Prof.^a Dra. Alessandra Gomes
(orientadora) – Doutora em Educação



Dra. Érica Bastos da Silva – Doutora em Educação



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Prof Dr. Pablo Enrique Abraham
Zunino – Doutor em Filosofia

Amargosa, 30 de SETEMBRO de 2021.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que é o meu sustento e guia, a minha mãe Bárbara pelo amor, dedicação e cuidado, ao meu pai Antônio, a minha irmã Gabriella e com o coração repleto de saudade e agradecimento a minha avó Olga Alves (*in memoriam*) que onde estiver com toda certeza está feliz por esta conquista!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ti meu Deus pela minha vida, minha saúde e por me sustentar na realização deste sonho de infância, agradeço também a Nossa Senhora minha intercessora e percussora de fé, que em demonstração da sua infinita bondade colocou anjos para me ajudarem nesta caminhada e que merecem serem lembrados neste momento de alegria e vitória.

Agradeço as duas mulheres da minha vida símbolo de força, fé, respeito e coragem, Obrigada minha querida mãe Bárbara por toda dedicação, amor, cuidado e companheirismo. Obrigada minha amada Vó Olga Alves (*in memoriam*) por lutar pela minha vida enquanto muitos não davam nada por ela, infelizmente você não estará aqui neste momento especial mas estará em meu coração para sempre, esta vitória sem dúvidas é um mérito restritamente de vocês e para vocês.

Agradeço de forma especial ao Meu pai Antônio que me incentivou e caminhou comigo nesta jornada, onde apesar das dificuldades, conseguimos alcançar o nosso objetivo. A minha irmã Gabriella pela escuta e amizade ao longo destes anos. Aos meus familiares que me apoiaram e torceram por mim, meus tios (Neilton, Elias, Edilson e Martinho), minhas tias (Dadai, Cecília, Ivonete e Marijane).

Agradeço ao meu esposo Leandro que Deus colocou em minha vida na reta final do curso mas que fez total diferença me incentivando e apoiando, obrigada pelo companheirismo e amor!

Agradeço aos meus familiares de coração que não possuem vínculos sanguíneos comigo mas o laço que nos une é bem mais forte e chamasse amor, Aos meus avós Maria de Lurdes (*in memoriam*) e João Sabino que durante o trajeto casa e Universidade me abençoavam, A minha dinda e segunda mãe Celeste por todo amor expressados a mim a Adeilton seu esposo por estar presente em todos os momentos de minha vida e por me ajudar quando preciso. A minha madrinha Gracinha pelo incentivo e carinho ao longo destes anos. A minha querida professora Elza que inspirou a minha escolha à docência, meu muito obrigada a vocês!

Agradeço ao grupo de crianças colaboradoras e a seus pais por confiarem em mim e em meu projeto!

Agradeço a minha família Espiritual da Paroquia São Roque de Mutuípe nas pessoas dos Padres Almiro e José Roberto que tanto fizeram e fazem por mim, as secretarias paroquiais Vera e Cristiane que muito me ajudaram, e a todos os paroquianos desta rede de fé em

especial a Davi Vaz (*in memoriam*) que se alegrou e acreditou no meu sonho, jamais esquecerei o que vocês fizeram por mim.

Agradeço a Andréia Santos, Adailton Moura, Valmir e Suy pela ajuda inicial e orientação sobre quais caminhos eu deveria percorrer.

Agradeço a todos professores do Centro de Formação de Professores da UFRB, em especial à minha querida orientadora Prof. Dra. Alessandra Gomes pela disponibilidade, atenção e direcionamento, À Prof. Dra. Mariana Meireles pelas aulas maravilhosas e por ser este exemplo de profissional e pessoa.

Agradeço aos meus queridos arguidores Prof. Dra Èrica Bastos da Silva e ao Prof. Dr Pablo Enrique Abraham Zunino pela disponibilidade em aceitarem o convite de serem avaliadores e contribuintes desta monografia.

Ninguém é feliz sozinho acreditando nisto, agradeço a turma de Pedagogia 2015.1 por alegrar as minhas manhãs durante esta caminhada, e de forma muito especial agradeço a minha amiga irmã Flor, presente da UFRB e que levarei para a vida.

Gratidão!

Eu diria que o cinema inclina a escola para frente, mas também para trás, para os lados, ele a deixa de "pernas para o ar" mais de uma vez; basicamente, ele a desestabiliza.

Adriana Fresquet

SANTOS, Adrielle dos Santos. **Cinema e Educação: Uma possibilidade pedagógica em sala de aula** 2021. 82. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, CFP – Centro de Formação de Professores. Amargosa, 2021.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar a análise dos resultados do trabalho de conclusão de curso intitulado “Cinema e Educação: uma possibilidade pedagógica em sala de aula”, tendo como eixo central de discussão a utilização dos filmes de forma pedagógica em meios educacionais diversos. A partir do levantamento bibliográfico de autores tais como: Bento e Neves (2008), Duarte (2002), Gomes (2015), Santos (2010), Silva (2012), Fresquet (2013) entre outros, que embasaram as discussões teóricas referentes às relações históricas sobre o Cinema e a sua inserção na escola, enfatizando a potencialidade educativa dos filmes, na ampliação do repertório cultural, na promoção de discussões, no desenvolvimento ou aquisição de novas aprendizagens a um grupo de crianças do município de Mutuípe-Ba. Destacamos também a importância do professor neste processo de escolha dos filmes e direcionamento mediado nas discussões que sucedem a exibição fílmica, sendo necessário um planejamento antecedente à prática para que as intencionalidades esperadas sejam alcançadas. Esta pesquisa baseia-se no pressuposto do paradigma emergente fundamentada em Santos (2010) possuindo abordagem de natureza qualitativa. Sendo uma pesquisa de Campo, com inspirações na modalidade de pesquisa-ação, tendo como ferramenta metodológica a intervenção por meio de oficinas, possuindo como instrumentos de coleta de dados a observação participante auxiliada do diário de campo e registros fotográficos dos momentos vividos. A partir dos resultados percebeu-se a potencialidade da junção Cinema e Educação como sendo uma possibilidade de aprendizagem leve, dinâmica e atrativa para o compartilhamento de saberes, valores e visões de mundo.

PALAVRAS-CHAVES: Cinema e Educação – Crianças e Aprendizado – Oficinas Fílmicas

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Imagem ilustrativa lanterna mágica

FIGURA 02: Ilustração das exibições da lanterna mágica

FIGURA 03: Cinematógrafo dos irmãos Lumière

FIGURA 04: Charles Chaplin no filme “Carlitos repórter”

FIGURA 05: Imagem do filme “Castelo assombrado” de Georges Méliés

FIGURA 06: Imagem do filme de pornochanchadas “A super Fêmea”

FIGURA 07: Foto do Cine Theatro Pérola, Amargosa- Ba

FIGURA 08: Foto do Cine teatro Rio Branco, Nazaré das Farinhas- Ba

FIGURA 09: Cena do filme “Braza dormida” de Humberto Mauro,1928

FIGURA 10: Exibição de filme no projeto Cine Rapadura

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP- Centro de Formação de Professores

DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda

DPDC- Departamento de Propaganda e Difusão Cultural

INCE- Instituto Nacional de Cinema Educativo

UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO - DA IDEIA AO ROTEIRO: OS PERCURSOS QUE ORIENTAM ESTE TRABALHO	14
1.1 Sinopse: a ideia!	14
1.2 Definição do produtor! (tipo de pesquisa).....	15
1.3 O roteiro	16
1.3.1 Set de filmagem e elenco.....	19
1.3.2 Gravação (instrumento de coleta de dados)	20
1.3.3 Luz, câmera e ANÁLISE	21
2. CAPÍTULO - UMA BREVE HISTÓRIA DO CINEMA.....	22
2.1 Relato histórico do cinema: do registro à criação.	22
2.2 Cinema no Brasil.....	28
2.3 Cinema educativo e a Escola Nova	30
2.4 O Cinema como educador e influenciador das massas no Estado novo.....	33
2.5 Dialogando com o Cinema e Educação.....	36
3. CAPÍTULO - O CINEMA ALÉM DA TELA: JANELAS ABERTAS, UM MUNDO DE POSSIBILIDADES.	40
3.1 Vamos falar de Cinema?	40
3.2 O Cinema como possibilitador de olhares.....	51
3.3 A janela vira-se espelho: O cinema como auto- retrato.	60
3.4 Vamos falar de inclusão!.....	67
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES.....	62
Apêndice A- Diário de campo.....	62

INTRODUÇÃO

É sabido que atualmente estamos enfrentando uma pandemia mundial causada pelo vírus SARS-COV (coronavírus/covid-19). Se tratando de um surto epidemiológico recente, ainda não temos um tratamento que elimine o mesmo com cem por cento de eficácia, deste modo o único meio de prevenção que temos atualmente são as medidas higiênicas e a restrição de contato que visam impossibilitar a propagação do vírus, tentando desta forma evitar o contágio. Apesar de sabemos a gravidade da situação e os alertas emitidos pela Organização Mundial de Saúde, vemos cada vez mais a crescente nos números de mortes e novos casos de contágio ocasionado pela irresponsabilidade de alguns que insistem em aglomerarem desrespeitando as orientações dos órgãos de saúde.

Com este cenário que estamos vivenciando há mais de um ano e meio, vários âmbitos da sociedade foram afetados, dentre eles o educacional. Assim Escolas encontra-se fechadas afim de prevenir a contaminação dos alunos, professores, servidores e seus respectivos familiares. Desta forma as aulas estão acontecendo de forma remota em caráter online. Assim sendo esta pesquisa também sofreu com os impactos desta pandemia e necessitou sofrer algumas reformulações no que se diz respeito ao campo de pesquisa e ao número de sujeitos colaboradores da mesma. Onde anteriormente tínhamos como campo a Escola, no entanto em virtude da situação acima relatada necessitou-se criar uma situação de espaço não formal, com um grupo de crianças oriundas de um bairro da cidade de Mutuípe

O Trabalho de Conclusão de Curso aqui apresentado tem como objetivo, compreender e contextualizar a utilização dos filmes como recurso didático-pedagógico, de auxílio ao professor para a promoção e elucidação de conteúdo de uma forma mais objetiva e atrativa, tornando o aprendizado ainda mais prazeroso e significativo em ambientes educacionais diversos.

O Cinema desde o seu início vem encantando e atraindo cada vez mais a população, sendo um local de interação, construção de novas significações e aprendizagens em virtude da ampla variedade de filmes existentes e as temáticas que os mesmos apresentam, podemos perceber possibilidades significativas de utilização do recurso cinematográfico de forma pedagógica no âmbito educacional.

No entanto, alcançamos uma maior eficácia de seu uso nos meios educacionais

quando os utilizamos junto à promoção discussões entre o cotidiano e os conteúdos trazidos pelo filme, ou seja, quando se tem uma intencionalidade de aprendizagem, que não seja apenas entretenimento ou recreação, sendo necessário um olhar sensível e atento por parte do educador no momento do planejar e escolher qual filme irá utilizar para que venha a alcançar os seus objetivos esperados e não perca o foco educacional. “Cabe ao professor como pesquisador estudar e encontrar o melhor meio de se trabalhar um dado filme, analisando a faixa etária dos alunos, o conhecimento prévio, a comunidade na qual está inserido, entre outros tantos fatores que devem ser observados pelo educador” (SILVA, 2012, p.7)

Assim, percebemos a importância do professor na escolha de conteúdos que irá trabalhar, bem como dos recursos pedagógicos que o auxiliarão na prática das atividades e mediação que será feita, levando em consideração que assuntos novos podem surgir, já que na sala de aula sofremos influências do nosso cotidiano, principalmente quando estes recursos forem os filmes que trazem amplas possibilidades de temática.

Sendo assim, o diferencial é saber utilizá-los para que venham a contribuir no desenvolvimento da criança de uma maneira geral que não seja tão somente a transmissão de conteúdos ou a prática recreativa, pois ao pensarmos no processo de formação de sujeitos há uma necessidade que este ensino desenvolva outras habilidades como a formação social. Duarte (2002) por meio de seus estudos enfatiza o quanto é significativo o uso do cinema para o ensino de valores e desenvolvimento da percepção de mundo.

Desta forma, percebemos a possibilidade da utilização dos filmes em sala de aula e diante disto chegamos a seguinte **questão de pesquisa**: *de que maneira é possível utilizar os filmes como recursos didáticos em meios educacionais diversos? Por meio dessa utilização é possível promover a aprendizagem de determinados conteúdos, valores e posturas?*

Buscando compreender como os filmes estão sendo utilizados, a partir desta inquietação e para obtenção dos resultados foram formulados objetivos geral e específicos a fim de nortear a pesquisa. Como **objetivo geral** pretendemos compreender como o cinema, por meio dos filmes de animação infantil, pode ser utilizado a fim de colaborar no ensino e aprendizagem de valores, conteúdos e posturas junto a um grupo de crianças do município de Mutuípe-Ba. Já os **objetivos específicos** compreendem: I. Discutir a relação entre Cinema e Educação. II. Conhecer a intencionalidade pedagógica dos filmes na prática. III. Entender as contribuições do recurso cinematográfico no processo educativo a partir da relação percepção e prática atreladas as discussões teóricas sobre o uso

dos filmes em âmbito educacional.

O encaminhamento teórico desta pesquisa é pautado em levantamento bibliográfico de autores tais como: Bento e Neves (2008), Duarte (2002), Gomes (2015), Silva (2012), Fresquet (2013) entre outros, que subsidiaram o aporte teórico de afirmação da utilidade cinematográfica como uma possibilidade pedagógica em sala de aula.

Esta monografia está estruturada em quatro partes. Uma **Introdução** que apresenta um breve resumo sobre a temática discutida, a minha motivação, objetivos, problema de pesquisa. O primeiro Capítulo: ***Da ideia ao roteiro: os percursos que orientam esta pesquisa***, compreende a discussão metodológica, onde apresento os caminhos percorridos na pesquisa. O segundo Capítulo ***Uma breve história do cinema***, é composto do contexto histórico do cinema até a sua chegada aos ambientes escolares. O terceiro capítulo ***Cinema além da tela: Janelas abertas um mundo de possibilidades*** é composto da análise de dados, onde reflito e exibo os resultados obtidos por meio do tema abordado.

E por fim apresento as **Considerações finais** advindas das revelações encontradas no campo da pesquisa atrelado as leituras teóricas que embasaram este estudo.

Assim acredito que esta monografia irá contribuir para o meio educacional de maneira positiva, auxiliando o professor na escolha deste recurso tão utilizado, e tão pouco discutido nas licenciaturas, espero também que a minha monografia incentive mais pesquisas na área de cinema e educação dentro dos cursos de formação.

Capítulo 1

DA IDEIA AO ROTEIRO: OS PERCURSOS QUE ORIENTAM ESTE TRABALHO

Neste primeiro capítulo denominado “**Da ideia ao roteiro: os percursos que orientam este trabalho**” apresento o caminho percorrido no desenvolvimento desta pesquisa, abordando a motivação inicial de estudo da temática (Cinema e Educação), o tipo da pesquisa, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, a apresentação do campo e dos sujeitos de pesquisa, e por fim, como ocorreu a análise de dados.

1.1 Sinopse: a ideia!

O interesse em estudar a temática aqui percorrida surgiu durante minha trajetória no Ensino Superior, onde por meio do estágio na Educação Infantil pude perceber que os filmes de animação se fazem presentes de forma constante naquele espaço, sendo uma atividade prazerosa, lúdica e atrativa para as crianças. Este desejo foi ainda mais reforçado quando no componente de Psicologia do curso de Pedagogia da UFRB, a docente responsável por ministrar esta disciplina, propôs a turma que assistíssemos o filme de animação “*Divertida Mente*” (Pixar; Disney, 2015), filme este que anteriormente já havia assistido apenas como forma de entretenimento sem atentar-me á mensagem pedagógica nele expressada. E com a mediação da professora pudemos ver os grandes ensinamentos trazidos no filme, principalmente no que se diz respeito a importância de todas as emoções (alegria, tristeza, medo, nojo, raiva) e a valorização das diferenças.

Diante destas duas situações acima mencionadas comecei a me questionar sobre a possibilidade de utilizar os filmes de forma pedagógica em sala de aula, visando incentivar, discutir valores e conhecimentos pertinentes em nossa sociedade. E afim de solucionar essa eventual problemática, algumas etapas foram sendo definidas.

1.2 Definição do produtor! (tipo de pesquisa)

O tipo de pesquisa utilizada nesta monografia é a Pesquisa qualitativa. Para colocá-la em prática, dentre outros caminhos metodológicos, fiz uso da Pesquisa de campo, definida por Russo (2012, p.1) como sendo aquela em que se “procura o aprofundamento das questões propostas. O objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A produção dos dados é feita no espaço dos sujeitos trabalhados.” Entende-se desta forma o quão enriquecedor e imprescindível é a ida ao campo, pois por meio deste contato obtive as respostas necessárias para responder a problemática desta pesquisa.

Estando, pois, intervindo no em um meio educacional diverso, o nosso olhar esteve direcionado ao estudo dos sujeitos, das suas relações e representações de mundo, inserindo-se desta na forma na *abordagem qualitativa* caracterizada e definida por Minayo (2001, p.22) como sendo aquela que:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim podemos perceber que no período em que estivemos no campo o nosso olhar esteve voltado cuidadosamente às experiências e às particularidades dos sujeitos, buscando compreender as relações existentes entre sujeito e objeto, aprofundando o tema pesquisado, não visando a quantificação de dados, mas sim a sua qualificação. Partindo desta premissa de estudo, a subjetividade, tornou-se possível. A aproximação deste estudo à abordagem metodológica da Pesquisa-ação, pela possibilidade de autorreflexão diante da ação investigada, ação está ocorrida de forma prática e cooperativa, por meio de escutas e compartilhamento de aprendizagens entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados (CASTRO & BEZERRA, 2015).

1.3 O roteiro

Sabendo que a construção da pesquisa acontece de forma processual e que perpassa por etapas de investigação, em um primeiro momento foi feito o levantamento de dados, visando o preenchimento de lacunas do referido estudo. A coleta de dados é de grande significância, tendo como instrumento para o recolhimento de informações iniciais o levantamento bibliográfico, que é definido por Boni e Quaresma (2005, p.71) como sendo “... um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes.”

A fim de obter estes dados iniciais foi realizado um levantamento bibliográfico de autores como: Bento e Neves (2008), Duarte (2002), Gomes (2015), Silva (2012), Fresquet (2013) entre outros, que serviram de apoio para o desenvolvimento das informações da pesquisa.

A ferramenta metodológica utilizada nesta monografia, foram as oficinas pois “possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação, avaliação” (GRACIANI, 1997, p.30).

Diante das positivities da utilização de oficinas no ambiente escolar no que diz respeito à promoção e socialização de aprendizagens e experiências coletivas, foram realizadas 04 oficinas, sendo três delas com exibição de filmes de curta-metragem, com discussão e atividades posteriores (criação de um livro, construção de auto retrato e a construção de uma história grupal). É cabível salientarmos que a escolha que nos direcionou em utilizarmos os filmes de curta metragem neste estudo, se deu através do

estudo do livro “Cinema e educação” de Fresquet (2013), nele a autora enfatiza a possibilidade de aprendermos com o simples e estamos abertos a experimentar o diferente, baseando-se em sua orientação seguimos sua linha de pensamento quando neste estudo utilizamos filmes de curta duração, não populares, mas que trazem conteúdos importantes e agregadores.

A primeira oficina denominou-se “*Vamos falar de cinema?*”, ocorreu no dia 12 de março de 2021 e teve como principal objetivo introduzir o tema Cinema, afim de conhecer o que pensam as crianças sobre este recurso. Iniciamos este primeiro encontro com fotos impressas de alguns marcos históricos do cinema (a evolução das maquinas de filmagens e das primeiras exibições fílmicas até chegar aos dias atuais) bem como fotos de exibições de filmes na escola e de crianças filmando. Sentamos em círculo ao redor destas fotografias para analisa-las, comecei questionando o que achavam que era aquela imagem e se elas imaginavam qual assunto estávamos discutindo. Posteriormente demos sequência ao momento de conversação com alguns questionamentos afim de instigar a participação da turma, alguns dos questionamentos utilizados foram: *o que é cinema para você? Você já esteve em algum cinema? Se sim, como é este espaço? Você gosta de assistir filmes? Qual o seu filme preferido? O que é um filme bom para você? O que é um filme ruim para você? E a escola pode ser um cinema? Se sim, como; se não, por que?* Após este momento de troca e escuta, solicitei que desenhassem na folha de papel ofício o que eles imaginavam da junção Cinema e Educação, entreguei lápis de colorir e eles iniciaram a produção, ao final ocorreu a apresentação destas produções.

A segunda oficina, denominada “*O cinema como possibilitador de olhares*” aconteceu no dia 16 de março de 2021 e utilizamos o curta metragem Canadense *Mudar¹ o mundo* (1992), que é uma produção de Therése Descary, editado pelo grupo Flaminia Filmes Educativos e Formativos para Crianças, Jovens e Adultos. O curta conta de forma breve a tocante a história de um menino que viaja de trem somente com caderno e lápis e a cada parada ele olha da janela uma realidade diferente como por exemplo a fome, falta de moradia, trabalho infantil, a falta de uma escola de qualidade e a guerra. E para cada uma destas situações por meio de desenho ele encontra uma forma de solucionar estes problemas. Nesta oficina foi buscado mostrar alguns problemas sociais ainda pertinentes em nossa sociedade e conhecer as diferentes visões de mundo existente no grupo de crianças. Ao final da exibição ouvi as opiniões das crianças sobre assuntos presentes no

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJ5LjmO9FZ8>

filme, falei o ano em que o mesmo foi criado e indaguei aos mesmos se estas situações ainda se repetiam hoje. Na sequência iniciamos a etapa da construção do nosso *Livro coletivo*, foi entregue folha de papel sulfite que a partir daquele momento tornou-se a janela do trem de cada um, nesta janela eles ilustraram uma situação presente no mundo e que lhes incomoda, comove e os instiga e ao lado o que eles fariam afim de solucionar as mesmas, foi entregue também lápis de colorir. Ao final desta etapa confeccionamos a capa do livro de forma coletiva e finalizamos conversando sobre os desenhos produzidos.

A terceira oficina “*Eu sou assim: O cinema como autoafirmação*” efetuou-se no dia 18 de março de 2021, onde foi exibido o curta-metragem estadunidense *Hair love*² (2019), produzido e escrito por Matthew A. Cherry, que conta a história de um pai que teve que pentear o cabelo crespo da filha pela primeira vez. O intuito de trabalhar este filme esteve voltado à valorização da identidade afro-brasileira, à desconstrução do conceito europeu do que é tido como belo, e à aceitação infantil. Posterior a esta exibição conversamos sobre as temáticas trazidas no filme, possibilitei que eles mesmos a trouxessem e falassem o que pensavam. A seguir iniciamos a construção do autorretrato: levei um molde de um rosto totalmente sem expressão e sem cabelos, deixei sobre a mesa diversos materiais que poderiam ser usados para se autorretratarem (lã de diversas cores, macarrão espaguete, pene e parafuso, molas de encadernamento, lápis de colorir, etc.) do modo como se viam e se aceitavam, ao final fizeram a apresentação da produção.

A quarta oficina “*Escrevendo o roteiro: vamos falar de inclusão!*” foi realizada no dia 23 de março de 2021. O curta-metragem escolhido foi *Inclusão* (2010), do aluno Rogério Weikersheimer, do curso Voyage, da Meliès - Escola de Cinema, 3D e Animação. O filme é mudo e traz como personagens da história as figuras geométricas, mas o seu enfoque está no círculo que é representado pela figura da bola colorida que deseja tão somente brincar, no entanto a mesma recebe várias negativas e é excluída por não ter semelhanças com as outras figuras que se encontram agrupadas por meio do que possuem em comum. No decorrer do filme ela encontra figuras coloridas e diferentes que não ligam para semelhanças e que querem também se divertir. Ao final a bola se vê em um dilema, pois ela encontra um grupo de bolas iguais a ela, mas este grupo não permite a entrada do diferente e seus amigos não podem participar da brincadeira e ela terá que escolher entre integrar o grupo ou se incluir com o restante das figuras diferentes. Este filme foi escolhido no intuito de trabalhar a questão do diferente e a inclusão, bem como conhecimentos

² Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28

matemáticos. Ao terminarmos a exibição mediei a discussão chamando a atenção para questões pertinentes em algumas cenas.

1.3.1 Set de filmagem e elenco

Em virtude da pandemia mundial que estamos vivenciando e que ocasionou no fechamento do nosso campo de pesquisa que é a Escola, necessitamos modificar nossa atividade de pesquisa para outro ambiente. Nos foi cedido o espaço de uma casa que encontra-se vazia na Rua conselheiro Aureliano Oliveira, número 410, em um bairro carente na cidade de Mutuípe-Ba, onde após sondagem de espaços disponíveis da cidade e levando em consideração a proximidade da residência das crianças contribuidoras do desenvolvimento desta pesquisa, este espaço tornou-se propício no que se diz respeito ao deslocamento das crianças. E ao espaço, pois estando a casa vazia, conseguimos de forma exitosa comportar de maneira adequada a quantidade de crianças e o respeito as medidas higiênicas de proteção contra o vírus Covid-19.



Tivemos como sujeitos colaboradores desta pesquisa 6 crianças, de um bairro

carente do município de Mutuipe-ba, crianças estas estudantes da rede municipal de ensino deste mesmo município, com faixa etária de 7 a 11 anos. Fizemos o uso da máscara e álcool gel como medida de prevenção.

1.3.2 Gravação (instrumento de coleta de dados)

Sabendo da significância do processo de coleta de dados no que se diz respeito a obtenção de informações desenvolvidas neste estudo. Eventuais informações foram adquiridas por meio da intervenção direta com o campo de pesquisa. Fávero (2011, p.49) define a positividade da intervenção como sendo a que “...gera transformação e ao mesmo tempo obtém dados do processo subjacente a ela”

Deste modo estando intervindo diretamente com o campo de pesquisa por meio de oficinas que subsidiaram na obtenção de materiais, tornou-se necessário a utilização de alguns instrumentos de pesquisa, sendo a observação um deles. Barros (2010, p.76) define o processo de observação como sendo “...uma das técnicas de coletas de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”.

Estando esta pesquisa inserida diretamente nas relações sociais que acontecem com os sujeitos, logo seria impossível manter uma neutralidade durante a observação, pois durante as realizações das oficinas o contato com o objeto de estudo foi imprescindível para o aprendizado e o compartilhamento de saberes com os sujeitos desta pesquisa. Ações, falas, observações e atitudes involuntárias ocorridas no decorrer dos dias foram anotadas no diário de campo afim de contribuir a nível de informação no processo e efetivação desta pesquisa (RICHARDSON, 2004). Eventuais informações observadas foram sendo anotadas no diário de campo, que posteriormente foram transcritas estando anexados ao fim deste trabalho.

É necessário ressaltarmos a utilização das fotografias que eternizaram os momentos vividos nos propiciando refletir e significar as etapas que sucederam esta pesquisa, de forma a tornar a realidade aqui contada mais rica no que diz respeito a detalhes das oficinas realizadas. Deste modo, os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram um fator essencial no que diz respeito à percepção e posicionamento do lugar de fala das crianças sobre as temáticas discutidas por meio das exibições dos filmes e suas posteriores discussões.

1.3.3 Luz, câmera e ANÁLISE

A análise desta pesquisa ocorreu de forma tranquila e descritiva mediante as observações, fotos e anotações advindas das discussões posteriores às exibições dos filmes e dos materiais produzidos durante as oficinas realizadas. Encontrando-se de forma aprofundada no último capítulo desta monografia.

Capítulo 2

UMA BREVE HISTÓRIA DO CINEMA

Este segundo capítulo intitulado “**Uma breve história do cinema**” tem como objetivo relatar momentos importantes do cinema, apresentando um breve recorte do seu início a nível mundial, a chegada do cinema no Brasil, a criação dos primeiros cineclubes brasileiros e a possibilidade educativa do cinema tendo como referência experiências do estado novo. Ele está organizado em 5 subcapítulos: I. recorte histórico do início do cinema mundial e as fases que o incorporam, II. a chegada do cinema no Brasil, III. O Cinema como prática educativa na Escola Nova, IV. O Cinema como educador e influenciador das massas no Estado novo, onde discorro sobre as intencionalidades que foram atribuídas ao Cinema neste período, V. Dialogando Cinema e Educação.

2.1 Relato histórico do cinema: do registro à criação.

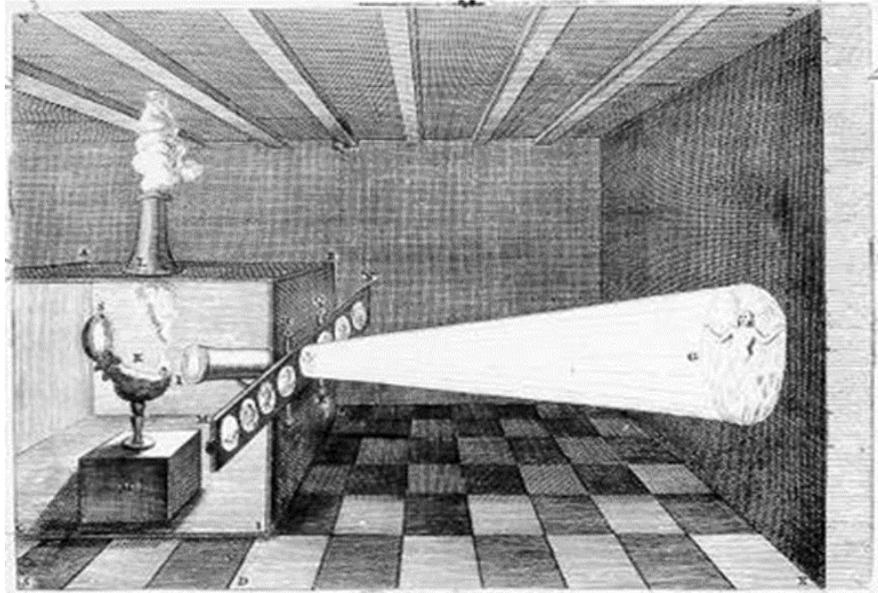
O surgimento do cinema a nível mundial é marcado por transformações seja nas formas de produção, intencionalidades, locais de exibição e público a que se destinava. Para melhor compreendermos estas modificações que resultaram no cinema que conhecemos hoje é necessário relembrarmos de forma breve alguns recortes do seu momento inicial.

O princípio do cinema é datado no século XIX, no entanto alguns historiadores salientam que o início da exibição das imagens em movimento veio bem antes da data convencionalmente conhecida.

Mascarello (2006:18) ao referir-se ao início da exibição dos filmes destaca que:

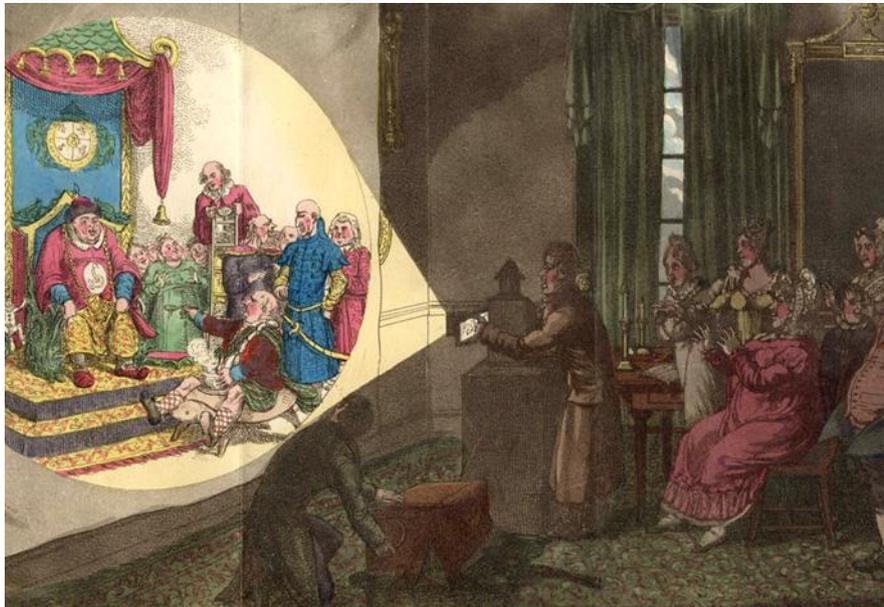
Os filmes são uma continuação na tradição das projeções de lanterna mágica, nas quais, já desde o século XVII, um apresentador mostrava ao público imagens coloridas projetadas numa tela, por meio do foco de luz gerado pela chama de querosene, com acompanhamento de vozes, música e efeitos sonoros. Muitas placas de lanterna mágica possuíam pequenas engrenagens que permitiam movimento nas imagens projetadas.

Figura 1 – Imagem ilustrativa da lanterna mágica



Fonte: blog: Imagem- a – imagem.

Figura 2- Ilustração da exibição da lanterna mágica



⁴ Fonte: Site Super Interessante. (The John Johnson Collection/Reprodução)

³ Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwj3ttCl5MPkAhU1HbkGHHasTC84QjB16BAgBEAM&url=https%3A%2F%2Fwww.mundovirtualblog.blogspot.com%2F2010%2F11%2Ffe-assim-nasceu-cinema.html&psig=AOvVaw2SOlddQK5fa6FchQjJmcZe&ust=1568119854225797>. Acesso 05 Set.2019.

⁴ Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/lanternas-magicas-e-estereoscopios-a-netflix-do-seculo-19/>.> Acesso 05 Set,2019

Deste modo é possível percebermos que o cinema se faz presente a mais tempo em nossa sociedade, de forma simplista mas com um caráter inovador para aquela época.

Segundo Costa (1995), diante destas circunstâncias muitas inovações foram sendo testadas até se chegar ao surgimento dos aparelhos de projeção, que objetivavam a exibição das imagens em movimento, dentre algumas criações a de maior destaque foi o cinematógrafo, dos irmãos Lumière o qual era movido a manivela e possuía um design mais leve e funcional podendo ir para outros espaços além dos estúdios, este atributo de mobilidade do invento fez crescer ainda mais o sucesso dos irmãos que se tornaram mundialmente conhecidos como os inventores do cinema.

Imagem 3: Cinematógrafo dos irmãos Lumière.



Fonte: Blog- Historia em Cartaz.

A primeira exibição cinematográfica ocorreu de forma curta e o filme assistido foi “Chegada de um trem a estação” que gerou um grande encantamento devido a realidade expressada na imagem, onde a medida que o trem avançava tinha-se a impressão que o mesmo estivesse indo em direção ao público, fazendo com que muitos sentissem medo e abandonassem a sala de exibição. Esta curta apresentação marca o início do cinema fazendo com que o público visse por meio das imagens a representação cotidiana, expressada nas paisagens urbanas ou rurais. Estas imagens em movimento geraram uma grande curiosidade

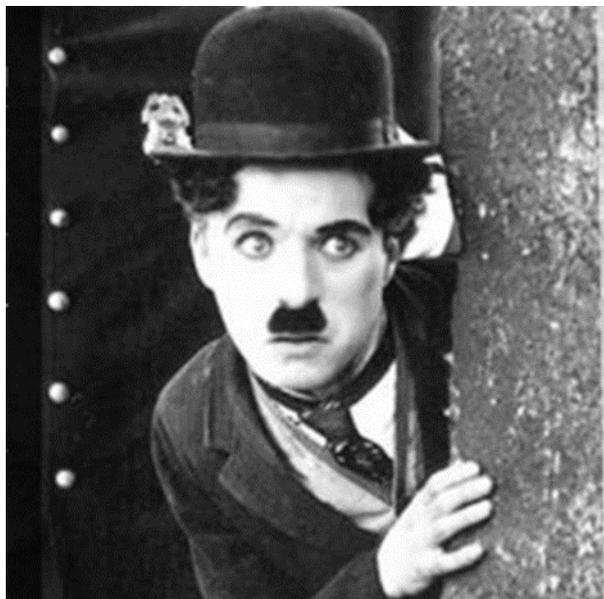
⁵ Disponível em: <http://historiaemcartaz.blogspot.com/2013/03/os-irmaos-lumiere-e-o-sucesso-do.html>.> Acesso 05 de Set, 2019.

e encantamento na população que nas sessões posteriores fizeram-se presentes em maior número (HOLLEBEBEN, 2008⁶).

Percebendo o potencial de alcance do cinema, iniciou-se a produção dos filmes com um caráter documental, que consistia em filmar imagens cotidianas das diversas sociedades e suas respectivas culturas, tendo como base a realidade, estas filmagens tornaram-se valorosas seja a nível científico ou histórico, por tornar possível naquele momento conhecer novos lugares e estilos de vida e hoje nos possibilitar conhecer eventos importantes de nossa história (COSTA,2006).

Temos como agregador deste período o aprimoramento do som durante as filmagens, que até então gravados de forma separada onde as imagens eram mudas, com som gravado em estúdio, mas que diante da necessidade de uma gravação cada vez mais real do ambiente, criou-se por volta de 1928 o primeiro gravador de som utilizado no ambiente filmado, acontecimento este que alavancou ainda mais a técnica cinematográfica marcando a transição do visual para o audiovisual (COSTA,2004⁷)

Figura 4: Charles Chaplin ícone do cinema mudo na estreia do seu primeiro filme “Carlitos repórter”



Fonte: Site – Cine Vintange.

⁶ Dispon[ível em: <https://docplayer.com.br/5193429-Cinema-educacao-dialogo-possivel.html>

⁷ <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1>

⁸ Disponível em: <https://cinevintage.wordpress.com/2011/04/28/%E2%80%9Ccarlitos-reporter%E2%80%9C-e-o-primeiro-filme-estreado-por-chaplin/>> Acesso 05 Set de 2019.

Após este período, o cinema conheceu um novo estilo, criado por Georges Méliès, o qual Araujo (1995 apud RODRIGUÊS, 2008) enfatiza esta criação como sendo uma nova dimensão do cinema, o encontro da sua real vocação.

Se com os Lumière o cinema encontrou sua definição, com Georges Méliès ele encontraria, logo a seguir, sua vocação. Os Lumière fizeram documentários [...] filmaram cenas da realidade natural. Méliès [...] deu ao cinema uma nova dimensão: uma máquina capaz de criar sonhos, de transformar em realidade visível, partilhável pelos demais espectadores, as mais mirabolantes fantasias da mente humana (Araújo, 1995, p.11 apud RODRIGUÊS, 2008, p.10)

Figura 5: Imagem do filme “O castelo Assombrado” de Georges – Méliès



Fonte: Site Demonstre.

Esta nova definição de cinema, era inspirada em truques de mágica, contendo a animação das peças teatrais e a utilização de cenário, este acontecimento fez com que as imagens em movimento se transformassem em uma expressão artística, daí por diante se fez crescente o número de filmes e técnicas de edição voltadas a um cinema ficcional, o qual apresentava um direcionamento do que deveria ser mostrado, selecionando cenas de formar linear para a criação de uma nova realidade. “Desse modo o aparato técnico inventado para registrar o mundo passaria, também a recriá-lo, segundo novas regras e artifícios ou, ainda, a criar outros mundos, mais ou menos semelhantes àquele” (DUARTE, 2002, p.24).

Dando sequência a esta época de criar novas realidades, investimentos foram sendo feitos, tendo como referência um filme produzido em etapas com cenas e narrativas organizadas e que fosse de fácil compreensão, devendo este ter um final feliz em seu

⁹ Fonte: Disponível em: <https://demonstre.com/georges-melies-melhores-filmes/> Acesso 05 Set de 2019.

roteiro. Surgiu assim uma nova fase do cinema, o industrial, que consistia em produzir filmes em maior número para que emplacassem no gosto do público, objetivando assim que os mesmos estivessem presentes nas sessões, pois quanto maior fosse o número de pessoas nas salas de exibições maior seria a lucratividade (COSTA,2006).

Neste momento já é possível percebermos uma nova intencionalidade dada ao cinema, tratado como mercadoria. A respeito desta situação, Bernadet (2006) nos diz que este novo modo de comercializar o cinema torna-o uma mercadoria abstrata, pois não se trata de vender um objeto concreto como o filme por exemplo: no cinema você compra um ingresso que lhe dá o direito de sentar-se em uma poltrona durante um determinado momento. Neste período Hollywood recebe destaque no cinema industrial por possuir aparatos financeiros para criação de filmes de tipos variados e em maior número.

O expressionismo¹⁰ Alemão também trouxe sua contribuição para o cinema, contribuição esta que empregou um novo olhar para os filmes, que já foram um registro, uma documentação, uma criação, uma indústria e passaria a ser agora uma expressão artística de subjetividade com uma forma própria e marcante, este novo tipo de cinema é provindo de um período pós guerra, e a representação de tal momento se fez presente nos filmes da época, tendo como principal característica o total controle dos elementos de encenação (CÁNEPA, 2013).

Partindo desta expressão de subjetividade, em 1940 o neorealismo¹¹ italiano passa a retratar as realidades sociais e a possibilidade de criação, sem ter um recurso financeiro. A produção não almejava lucros, mas era produzida tão somente pela arte de contar histórias de sujeitos que estavam excluídos das realidades até então relatadas tal iniciativa gerou posteriores transformações seja na forma de fazer e ver cinema bem como na disseminação do Cinema neorrealista para outros países como por exemplo Portugal e Brasil. (FABRIS, 2006)

Temos como exemplo do cinema neorrealista brasileiro, o Cinema Novo liderado por Glauber Rocha no final dos anos 50 e início dos anos 60 que tinha como prioridade a retratação da realidade nacional e o baixo custo na produção dos filmes, é marco deste período o lema que afirmava que para fazer um filme era necessário se ter “Uma câmera na

¹⁰ Movimento artístico que surgiu no final do século XIX e início do século XX, em que o artista tenta retratar não a realidade objetiva, mas sim as emoções e respostas subjetivas que os objetos e os acontecimentos suscitam nele.

Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/arte/expressionismo>

¹¹ Movimento artístico que objetivava a criação de uma arte voltada para a realidade, e, portanto, às questões sociais, culturais, políticas e econômicas pelo qual passava a sociedade. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/neorealismo/>.

mão e uma ideia na cabeça”.

Diante deste pequeno relato histórico, é necessário compreendermos que vários foram os sujeitos que desde o início até os dias atuais com o seu olhar atento às novas necessidades a serem supridas, aprimoraram de forma parcial este invento para que o mesmo deixasse de ser apenas um registro de imagens para torna-se uma arte que é o cinema que temos hoje, o qual envolve as pessoas, as suas fantasias, valores, sonhos e emoções, que são próprios da criação e intencionalidade artística, sendo possível desta forma conhecermos novos lugares e modos de vidas até então desconhecidos, permitindo vivenciarmos situações passadas e futuras de forma única. Fator agregador e determinante para que o cinema se tornasse a *sétima arte*, englobando em si as outras artes já conhecidas (música, teatro, literatura, escultura, dança e pintura), motivo este decisivo para disseminação do cinema por diversos países, inclusive o Brasil.

2.2 Cinema no Brasil

A chegada do cinema no Brasil é definida por Duarte (2002, p.28) da seguinte forma:

O Brasil conheceu o cinematógrafo em 1896 e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Entre 1908 e 1911, um grande número de curtas-metragens de atualidades, de vistas e paisagens e de longas-metragens de ficção foi realizado no país. Revistas musicais, dramas e, sobretudo, reconstituições de crimes famosos atraíram a atenção do público que lotava as salas de exibição do Rio de Janeiro

Para compreendermos a chegada no cinema no Brasil e o motivo da sua primeira filmagem e exibição terem sido feitas no Rio de Janeiro, é necessário compreendermos um pouco do panorama político e social desta cidade que neste momento ficou conhecida como o centro do país, por conter um número expressivo de habitantes e ser sede de indústrias, bancos e comércios. Toda esta expansão econômica e social, resultou na migração nacional e europeia em busca de emprego e melhoria de vida. Com este processo de migração a cidade passou a ser constituída de culturas e classes sociais diversas, que necessitavam de entretenimentos variados e queoubessem no seu poder aquisitivo. Partindo desta necessidade o mercado abriu-se para novas formas de expressões artísticas como o teatro, a música e a dança (DIAS, 2008).

Neste momento o processo de industrialização andava a passos largos, criando uma abertura para as novidades e o Cinema estabeleceu-se como um símbolo de civilização e

modernidade. Em seus primeiros anos o cinema teve como dificuldade a falta de luz elétrica, no entanto após a construção da usina no Rio de Janeiro o problema foi solucionado e a abertura de novas salas de exibições se fez crescente. Esta situação impulsionou o desenvolvimento de muitas produções nacionais que representavam os diversos aspectos da realidade brasileira, de início estas filmagens e exibições estavam centralizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, e posteriormente expandem-se para outras regiões do país (GOMES, 1980 apud CAMPOS, 2004).

Com estas regularidades nas produções e aprovação do público que sentia-se representado decorreu o surgimento de filmes de vários gêneros: “posados, cantantes, comédias de costumes, melodramas ou naturais sejam simples vistas ou cinejornais mais complexos” (GONÇALVES, 2007, p.9), os quais tornaram-se grande sucesso diante do público, e os donos da sala de exibição almejando maiores lucros tornaram-se produtores, distribuidores e exibidores dos filmes, participando assim de todo o processo até chegar ao público.

Esta ascensão do cinema brasileiro ficou conhecida como *bela época* que teve duração de 1908-1911. Tendo como principal motivo de sua finalização o grande sucesso de arrecadação nas exibições devido ao baixo custo dos ingressos, as sessões lotavam o que tornava o cinema uma mercadoria bastante promissora, tornando-se fonte de interesse dos produtores europeus, os quais auxiliados com empresários da área cinematográfica brasileira conseguiram influenciar a aquisição dos filmes estrangeiros e sua aderência diante do público brasileiro que se deslumbrava, cada vez mais com estes produtos importados e enaltecidos pela imprensa da época (SILVA JUNIOR, 2011).

Trinta anos após a *bela época*, o cinema brasileiro conhece uma nova vertente: a chanchada: “Um tipo de filme extremamente popular em que a reunião de tramas amorosas, policial e comédia intercaladas por números musicais levaram milhões de brasileiros ao cinema ao longo de 30 anos” (DIAS, 2008, p. 05). As chanchadas eram produzidas no Brasil pela Companhia Atlântida Cinematográfica, que direcionava suas obras ao público popular.

Dentre os fatores deste sucesso, podemos citar a música carnavalesca, linguagem utilizada de fácil entendimento, a identificação do público com os personagens e o baixo custo do ingresso que tornava mais acessível a participação da classe média e de baixa renda. Esta vertente utilizava a crítica de forma direta fazendo uso de sátiras e comentários sobre aspectos relevantes da sociedade brasileira, atingindo um grande público que sentia-se representado nas chanchadas pelas mesmas apresentarem o que realmente era vivenciado

por eles no dia a dia, revelando grandes artistas extremamente talentosos, dentre eles podemos citar Ankito, Dercy Gonçalves, Zé Trindade Wilson Grey (DIAS,2008).

Assim sendo, é necessário reconhecermos a importância das chanchadas dentro da história do cinema brasileiro e o alcance conseguido diante do seu público que entendia as representações do seu cotidiano presentes nos filmes. Posteriormente as chanchadas foram substituídas nos anos 70 por filmes eróticos denominados pornochanchadas.

Figura 6: Filme de pornochanchadas “A super fêmea”.



12

Fonte: Amaral, José. SP. Fotografia de filme brasileiro.

2.3 Cinema educativo e a Escola Nova

Acreditando no desgaste do método educacional tradicional e objetivando uma educação de caráter libertado mas acessível a todos e que valorizasse as aptidões e respeitasse as necessidades brasileiras, surge em 1920 no Brasil o movimento da Escola nova que reuniu um grupo de estudiosos dentre eles “Heitor Lira, Antônio Carneiro Leão, Edgar Sussekind de Mendonça, Fernando de Azevedo, Anísio Spínola Teixeira, Manuel B. Lourenço Filho, Francisco Venâncio Filho, Jonathas Serrano, Edgar Roquete-Pinto” (CATELLI, 2005,p.1)

Estes estudiosos ficaram conhecidos como pioneiros da Educação ou escalonovistas e defendiam o ideal de que a modernização da sociedade só seria possível por meio das reformas educacionais e para isto era necessário a utilização de uma ferramenta didática

¹² Disponível em: <http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/023866>.> Acesso 05 set de 2019.

que fosse acessível para as pessoas alfabetizadas e as que não eram. É neste contexto que o Cinema Educativo é introduzido no ambiente escolar. Pois nesta ocasião as imagens em movimento já estavam sendo bastante utilizadas nas grades capitais e os filmes de caráter documental demonstravam eficácia em retratar fielmente realidades de locais distantes do nosso país, sendo uma fonte acessível tanto para as crianças quanto para os adultos.

Figura 7: Foto do Cine Theatro Pérola, Amargosa- Ba.



13

Fonte: Biblioteca IBGE

Figura 8: Foto do Cine teatro Rio Branco, Nazaré das Farinhas- Ba.



14

Fonte: Blogger Texto e fotografias de Amanda O.

¹³ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=427639>.

¹⁴ Disponível: <http://leimportancedejour.blogspot.com/2012/04/feriadao-parte-2-segunda-parada-feira.html?m=1>.

A respeito desta situação Serrano e Venâncio Filho (1931, p.166, apud CATELLI,2010, p.14) nos diz que:

O cinema, em todos os graus do ensino bem como nas diversas disciplinas, vem atender ao objetivo precípua da educação de hoje, de tornar cada vez menor a refração entre o que a escola ensina e o que a vida mostra. Assim terá a criança contato direto com a natureza, senão sempre, ao menos quando está ausente, com a menor deformação possível

Desta forma percebemos que os filmes documentais no período da Escola nova, funcionavam como ferramenta de aproximação a realidade local e a outras realidades podendo “transportar a população, principalmente aquela que vivia isolada no interior, no sertão, para as mais diferentes localidades. Poderiam ainda mostrar para a capital o desconhecido sertão brasileiro, que tanto fascinava os moradores das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo.” (CATELLI,2010, p. 9). Revelando desta forma diferentes culturas e realidades de forma clara e precisa, afim de sanar eventuais curiosidades, servindo de auxílio ao professor que ficará encarregado de:

Ensinar o aluno a “observar”, pondo-o em contato constante com as coisas e os fatos, despertando-lhe o sentido e desenvolvendo-lhe a capacidade de observação. As excursões escolares (às fábricas, oficinas, aos jardins botânicos, à lavoura etc.), os museus e o cinema educativo constituem outros tantos meios de abrir à atividade inquieta do aluno novos campos de observação. Aprender a ver, a observar, é a arte de mais difícil aprendizagem e condição essencial a atividades inteligentemente orientadas. (AZEVEDO,1958, p. 75 apud CATELLI, 2010, p.16)

Compreendemos desta forma, que já neste primeiro momento de inserção do cinema no ambiente educativo tinha-se a preocupação de explicar que os filmes não iriam substituir os professores mas sim que as exibições fílmicas seriam mediadas pelos professores, que direcionariam o olhar dos alunos frente a assuntos pertinentes.

É necessário destacarmos que este movimento da utilização de filmes documentários no período da Escola Nova começou a enfraquecer após críticas da revista Cinearte, que considerava este tipo de filmes como propagadores de uma imagem primitiva do Brasil e iria impedir a ascensão do país perante a modernidade. Outra situação que contribui para a diminuição desta proposta foi a utilização dos filmes com caráter propagandista durante a era Vargas, assunto este que será discorrido do tópico seguinte (CATELLI, 2010).

2.4 O Cinema como educador e influenciador das massas no Estado novo.

O Estado Novo foi o período que compreende os anos de 1930 a 1945, momento este que Getúlio Vargas esteve na presidência do Brasil e promoveu transformações profundas a nível econômico, político e social. Almejando a construção de uma nova ideologia populista que propagasse a ideia de unicidade entre a sociedade e o Estado, várias estratégias de doutrinação para o convencimento populacional começaram a ser estabelecidas e colocadas em prática, dentre elas temos a vinculação do nacionalismo com a Educação, almejando a “construção de uma identidade nacional que rompesse com os paradigmas tradicionais e que buscasse valorizar e exaltar o povo brasileiro e nossas raízes culturais, integrando o conhecimento científico com a vida social e cultural da nação.” (GREGIO & PELEGRINI, 2017, p.89)

Este contexto é também marcado pelo anseio a modernização social e valorização da identidade nacional e viu-se no cinema uma possibilidade significativa na educação das massas populares.

São várias as ideologias presentes nas intencionalidades deste cinema educativo, “na perspectiva autoritária do Estado Novo, podemos compreender o cinema educativo como um meio de controle das massas com o auxílio dos meios de comunicação” (CATELLI, 2010, p. 4). Deste modo o cinema iria contribuir na mobilização e interação das massas, servindo assim para propagar (internalizar e externalizar) a ideia de um Brasil moderno sem diferenças sociais.

Percebendo o potencial didático pedagógico das obras cinematográficas e a capacidade de influência das mesmas sob a população, decretos foram sendo criados afim de vigilar e reprimir filmes que viessem contra os ideais do governo, que como medida preventiva instaurou censura aos filmes que começaram a serem classificados entre comerciais e educativos. Nesta ocasião em 1934 foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) que pretendia “estimular a produção, favorecer a circulação e intensificar e racionalizar a exibição, em todos os meios sociais, de filmes educativos” (BRASIL,1934)¹⁵

Diante destas circunstâncias os filmes educativos possuíam em sua essência um caráter documental com paisagens naturais de caráter científico, estes tipos de produções

¹⁵ RIO DE JANEIRO. Decreto nº 24.651, de 10 de junho de 1934.

sofreram duras críticas, muitas delas providas da revista *Cinearte* que indicava a necessidade de uma domesticação da produção naturalista brasileira, acreditando que com as fotografias naturais, o Brasil ficaria estagnado diante dos demais países e continuaria passando a ideia de primitivos e selvagens. Desta forma seria necessária uma padronização das produções para que a imagem de progresso fosse passada (CATELLI, 2010).

No entanto Catelli (2010) salienta que estas filmagens naturalistas possuem um caráter positivo pois as mesmas permitem conhecermos novas realidades, neste sentido ela diz:

Na concepção do cinema educativo no Brasil, os documentários poderiam transportar a população, principalmente aquela que vivia isolada no interior, no sertão, para as mais diferentes localidades. Poderiam ainda mostrar para a capital o desconhecido sertão brasileiro, que tanto fascinava os moradores das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo (CATELLI, p. 9).

Assim, a técnica cinematográfica seria percussora do contato com diferentes culturas e espaços, não precisando assim que ocorresse uma deslocação para outras regiões. Desta forma o cinema ofereceria esse macete pedagógico e assuntos como história, geografia e ciência seriam contemplados.

Em 1936, Roquette Pinto cria o INCE Instituto Nacional de Cinema Educativo. Articulado com o governo este projeto tinha como intencionalidade construir um desenvolvimento da identidade industrial que se igualasse aos países desenvolvidos, na valorização de elementos culturais. (BRUZZO,2004)

O INCE procurando o controle e orientação elenca seus objetivos:

Orientar a utilização da cinematografia na obra da educação nacional; coordenar todos os elementos de informação relativos à utilização da cinematografia; incentivar a produção circulação e exibição de filmes educativos e culturais; organizar um plano geral de educação popular por meio de projeções entrar em entendimento com todos os serviços que se interessem pela cinematografia educativa; superintender o serviço de censura nacional cinematográfica. ¹⁶

A produção de vários documentários sob direção de Humberto Mauro é um marco nesses objetivos, pelos números expressivos de produções que revolucionaram também o próprio cinema documental. A proposta principal deste projeto era utilizar o filme como pratica pedagógica e para isto as Escolas que funcionassem em edificações próprias deveriam estabelecer uma sala especifica para as exibições dos filmes (CARLAN, 2015).

¹⁶ CPDOC, GC 19 35.00.00/2. Instituto de Cinema Educativo (Projeto).

Figura 9: Cena do filme “Braza dormida” de Humberto Mauro,1928.



Fonte: blog formas e meios.

Nestas circunstâncias reforçava-se ainda mais as relações entre estado e cinema, e os filmes começaram a serem produzidos com intencionalidades propagandística visando a disseminação de ideologias do governo. Diante disto ocorreu a extinção do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e foi criado em 1939 o Departamento de Informação e Propaganda (DIP) que era designado a:

Centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional. [...] Fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, de rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa, quando a esta forem cominadas as penalidades previstas por lei. (BRASIL,1939)¹⁸

Diante destas incumbências a DIP tornou-se um forte órgão de repressão, pois todas as obras midiáticas que seriam transmitidas em solo nacional deveriam ter seus conteúdos analisados e censurados caso ocorresse qualquer distanciamento do que se era permitido pelo governo. É necessário destacarmos também a utilização deste mesmo departamento como um forte aliado na propagação da imagem positiva do Presidente da República perante a população, onde mesmo diante de um regime autoritário, Getúlio

¹⁷ Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-KY1elgAdfjo/WCZliowkIII/AAAAAAAAAB2k/fXqdm6TMXhwGZqTyTb9Mds9RRAzQNsH8CLcB/s1600/Braza%2BDormida%20Humberto%2BMauro%20cortado.jpg>.

¹⁸ RIO DE JANEIRO. Decreto nº 5.077, de 29 de dezembro de 1939.

Vargas era aclamado como “O presidente do povo”. (GREGIO; PELEGRINI, 2017). Ao final do regime do Estado Novo e início do processo de urbanização e modernização “o Estado limitou-se apenas a regulamentação e incentivo à produção de filmes, não entrando em questões de mercado exibidor” (GREGIO; PELEGRINI, 2017, p.112).

2.5 Dialogando com o Cinema e Educação

Figura 10: Exibição de filme no projeto Cine Rapadura



Fonte: Acervo pessoal CASA do DUCA- UFRB/ Exibição realizada para a comunidade do Bairro rural das Três lagoas

Como vimos na sessão anterior, o cinema desde seu início vem encantando e consolidando-se em diferentes cenários, onde novas e diferentes intencionalidades foram sendo criadas e agregadas aos filmes, que ao longo dos tempos se caracterizou como forma de diversão, documentação, discussão, propagação, comercialização e educação. Neste subcapítulo estaremos centrados em vincular o cinema a Educação e para iniciarmos trataremos de uma similaridade entre ambos no que se diz respeito a capacidade de se fazer e se refazer de acordo com períodos, intencionalidades e especificações.

Sabemos que o ambiente educacional é constituído de diversidade e que o ensino ocorre de forma coletiva, desta forma torna-se necessário repensar a pratica em sala de aula levando em consideração os diferentes tempos de aprendizagem, a influência dos meios sociais e as diferentes realidades que as crianças estão inseridas. Pois com o passar dos tempos novos anseios surgem e mudanças vão sendo necessárias neste âmbito, afim de

responder às demandas requeridas pela sociedade em si. Com isto objetivos, temáticas e metodologias vem sendo agregadas ao ensino, afim de promover um aprendizado que contemple a todos os sujeitos que estão neste espaço, fugindo assim da visão tradicionalista de que o aprendizado só acontece por meio do livro didático ou da transferência de conteúdo do professor para o aluno.

Sabemos que atualmente já são utilizadas na escola outras tantas formas de compartilhar saberes e aprender novas coisas, de forma prazerosa, instigante e significativa seja por meio da ludicidade, das artes e suas tantas formas de expressão. É notório que nós seres humanos somos atraídos de forma positiva por atividades que sentimos prazer em realizar. Neste sentido, torna-se propício a vinculação do Cinema à Educação no que diz respeito à possibilidade criativa, atrativa e cultural presentes nos filmes (DUARTE, 2002).

Fresquet (2013), reforça a positividade de utilização dos filmes em sala de aula, no que diz respeito ao diálogo que os mesmos nos oferecem com o mundo. A autora compara os filmes a uma janela que permite olharmos de forma mais atenta as situações reais que muitas das vezes passam despercebidas no dia a dia.

E esta janela aberta está para além do ver, é também ouvir, julgar, se posicionar, imaginar fazer uma releitura do que foi visto, do que não foi dito. É a experimentação profunda de um conjunto de artes que se integram e são encontradas no filme.

Sendo a escola que abarca a subjetividade e reúne muitas visões de mundo, a abertura destas janelas se torna ainda mais essencial, e, levando em consideração a variedade de filmes existentes e a facilidade de acesso que temos aos mesmos, essas janelas, com o uso de filmes na escola, podem se expandir ainda mais.

Esta expansão torna-se efetiva a partir da intencionalidade dada à utilização do filme em sala de aula e este fator faz com que o nosso olhar esteja direcionado ao professor para que a finalidade pedagógica não se perca no decorrer do processo. A respeito desta situação Duarte (2002, p.76) enfatiza que:

“O uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Filmes não são decalques ou ilustrações para “acoplarmos” aos textos escritos nem, muito menos um recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso dela é preciso saber como elas fazem isto.”

Deste modo vemos a importância do professor na seleção do filme para que o mesmo não seja escolhido de forma aleatória afim de entreter as crianças, é preciso prestarmos atenção na mensagem trazida, nas intencionalidades presentes e em como

iremos trabalhar com o mesmo em sala, pois são muitas as possibilidades de uso.

Até o presente momento temos a lei 13006 de 2014, que é uma alteração a LDB 9.394/96 que traz a exibição obrigatória de filmes nacionais por duas horas. Esta lei viabiliza o acesso, mas não reflete acerca das condições para que esta exibição de filmes ocorra com êxito, por exemplo não se pensa nas condições estruturais da escola, dos aparelhos necessários e da formação deste professor para trabalhar com o filme, haja vista que os mesmos não foram e não são consultados nem preparados para esta modificação.

Não estamos aqui inferiorizando a lei, muito pelo contrário, a iniciativa é um primeiro passo no que diz respeito á valorização do Cinema na escola, no entanto a mesma precisa ser ampliada e medidas devem ser tomadas para que este acesso se efetive com qualidade (PAES & FRESQUET,2016).

Assim sendo, entendemos o filme na escola como um potencial artístico e educativo que “se encontra, se experimenta e se transmite por outras vias além do discurso” (LEITE & RODRIGUES, 2010, p.2).

Temos a escola como potencial possibilitadora deste encontro, no entanto para que isto ocorra se faz necessário superar alguns desafios destacados no texto de Leite & Rodrigues (2010) no que se diz respeito à influência capitalista no que assistimos e à imposição de padrões que denominam o que são considerados filmes “bons” e “ruins” que tem como base a mídia propagandista, que nos influencia a pensar e a gostar somente do que é midiaticamente conhecido. Diante disto a escola deve trazer em seu diferencial uma “pedagogia do cinema mais leve, do ponto de vista didático, que relacione filmes, sequências, planos e imagens oriundas de outras artes” (LEITE & RODRIGUES, 2010, p.3), propiciando desta forma o verdadeiro experimentar que se remete ao contato com o novo, por meio dos filmes não tão conhecidos pelas crianças, livre de resquícios e opiniões pré-concebidas da visão consumidora.

Partindo deste pressuposto de experimentar o não conhecido temos em Fresquet (2013) a exemplificação de maneiras simples de promover este encontro, entre eles temos a utilização de curta-metragens de animação, ou a sequenciação de cenas de filmes diferentes que se interligam em uma temática central, possibilitando desta maneira conhecer diferentes opiniões sobre uma mesma temática para que assim a criança tenha a suas próprias posições em relação ao que foi visto e suas próprias vivencias.

Neste mesmo sentido ainda em Fresquet (2013), citando Bergala (2012), reforça em seu livro a ideia de “Experimentar a alteridade” no ambiente educativo por meio dos filmes que as crianças nunca tiveram contato. Denominando este momento como uma travessia

em direção ao outro até então desconhecido. Partindo sempre das experiências de cada criança e nunca das suas ideias, tornando desta forma o assistir como sendo um processo onde a criança “... entra no filme, atravessa o filme, e quando ela sai desse filme, ela tem uma inteligência do filme.” (BERGALA, 2012 apud FRESQUET, 2013.p.49).

No decorrer deste tópico explanamos e fizemos a junção do cinema e educação como sendo um diálogo possível propiciador da arte de experimentar e promover a experiência. A respeito desta situação é indispensável citarmos Bondía (2002, p.7) quando o mesmo define a experiência como sendo “aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.”

Deste modo o filme junto às atividades educativas é tido como possibilidade de experimentar de ver o não conhecido e de perpassar por etapas para que se tenha um conhecimento de uma nova experiência que ao mesmo tempo que acontece de forma coletiva se torna cada vez mais subjetiva, pois os olhares são únicos e nos condiciona e marcam a medida das nossas vivencias e experiências particulares. É vivendo o momento, vivendo o novo, o outro, é o contato direto com a alteridade “é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (BONDÌA,2002, p.9). É possibilitar a escuta e os lugares de fala, é experimentar a arte de forma simples com a leveza do audiovisual.

Capítulo 3

O CINEMA ALÉM DA TELA: JANELAS ABERTAS, UM MUNDO DE POSSIBILIDADES.

Este último capítulo denominado como “**O cinema além da tela: Janelas abertas, um mundo de possibilidades.**” tem como objetivo, apresentar e dialogar, os resultados advindos das oficinas realizadas com um grupo de crianças do município de Mutuípe- Ba, enfatizando as opiniões e interpretações infantis a respeito de curta metragens assistidas e as conexões estabelecidas entre os mesmos e o mundo. Encontrando-se subdividido em quatro subcapítulos: I- Vamos falar de Cinema? II- O cinema como possibilitador de olhares III- A janela vira-se espelho: O cinema como auto retrato IV- Vamos falar de inclusão.

3.1 Vamos falar de Cinema?

Sabemos que apesar de algumas modificações pedagógicas no contexto educacional ainda temos uma certa resistência quanto a oportunizar o lugar de fala das crianças. Partindo deste pressuposto este primeiro subcapitulo visa principalmente romper com este pensamento, possibilitando a expressividade infantil no que se diz respeito a conhecer o que as crianças pensam e sabem a respeito do Cinema. Esta travessia iniciou-se na primeira oficina com um momento de conversação, escuta e troca.



Tendo exposto ao chão algumas fotos impressas de marcos históricos do cinema e sem apresentar inicialmente sobre o que iríamos conversar durante os encontros, olhares curiosos começaram a se voltar as fotografias que foram apresentadas uma a uma e palpites sobre o que falaríamos começaram a serem dados.



- Cinema antigo, meio de assistir filmes



- Produção, antigo, moderno

Neste momento inicial tornou-se perceptível a potencialidade do visual, onde por meio da sequência de imagem, foi se construindo as primeiras pisadas do caminho que começaríamos a trilhar, onde cada passo vinha acompanhado de falas e palpites que levavam para o nosso tema central, que é o cinema. Afim de saber um pouco mais alguns questionamentos foram sendo feitos na sequência.



Sequencio:

- O que é cinema para vocês?
- *Um lugar de assistir filme*
- *Lugar calmo, tranquilo*
- *De emoções*
- *De se expressar, mas só depois!!*
- Como é este espaço?
- *Lugar grande*
- *Tela gigante*
- *Muitas cadeiras*
- *Não pode levar comida não*

Diante das respostas dadas tornou-se evidente a primeira noção de cinema a qual as crianças se remetem quando falamos a palavra cinema, que são as salas de cinema comerciais, com suas grandes telas, onde é pago um valor de acesso a este espaço que tem normas e regras e o silêncio é uma das principais.

Continuo:

- Vocês já estiveram neste espaço?
- *Sim! (responderam apenas duas das crianças)*
- *A escola que levou*
- *A AABB¹⁹ me levou*

Apesar das crianças falarem de forma apropriada do espaço da sala de cinema, chega-se à conclusão de que é mínimo o número das mesmas que já estiveram no espaço, e que as características dadas são do que já ouviram a respeito, de fotografias, da internet ou até mesmo de filmes já assistidos em outros espaços que mostraram como é uma sala de cinema. Deste modo vemos que apenas duas das crianças já estiveram em uma sala de cinema propriamente, e que este acesso foi oportunizado por algum ambiente educativo, neste caso tivemos a Escola e um projeto social como os responsáveis por este primeiro contato com o cinema comercial.

Assim percebemos a potencialidade da Educação em aproximar-se da arte cinematográfica tornando este encontro viável, rompendo barreiras socioeconômicas que infelizmente ainda segrega e define que frequenta determinados espaços tendo como base o capital.

Baseando-se no possível e na realidade que as crianças vivenciam, continuei a indagar as mesmas se gostam de assistir filmes e foram unânimes dizendo que sim, dentre os seu preferidos tivemos como respostas, desenhos animados bastantes conhecidos (Frozen, Ben 10, Homem Aranha, Transformens) e também foram mencionados alguns filmes nacionais (Alto da compadecida, Minha mãe é uma Peça).

Prossigo com as questões:

- O que é um filme bom para vocês?
- *Que reflete sobre a vida*
- *Filme que faz rir*
- *Que tem aventura*
- O que é filme ruim?
- *Que não tem ação*
- *De qualidade péssima, produção péssima.*

¹⁹ AABB- Projeto Social do Banco do Brasil em parceria com a prefeitura de Mutuípe- Ba

Diante desta discussão podemos confirmar que desde muito cedo temos contato com os filmes e prova disto são os gostos bem definidos das crianças no que diz respeito ao que gostam e ao que não gostam de assistir, sendo possível até mesmo distinguir o que é um bom filme e o que consideram ser um filme ruim. Duarte (2002) reforça este conceito ao afirmar o alcance da linguagem cinematográfica a todos desde muito cedo e que este ato é independente, onde só aprendemos a ver um filme o experimentando, vendo e conversando com outras pessoas sobre o mesmo.

A fim de adentrar de forma simples em outros espaços que também possibilitam o acesso aos filmes, foi proposto as crianças desenharem espaços que elas imaginassem que pudessem ser cinema.





Durante as produções, eles foram conversando sobre os desenhos e ao finalizarem em sua maioria tivemos muitas representações das salas de sua casa, o que é totalmente compreensível tendo em vista a realidade que cada sujeito possui.

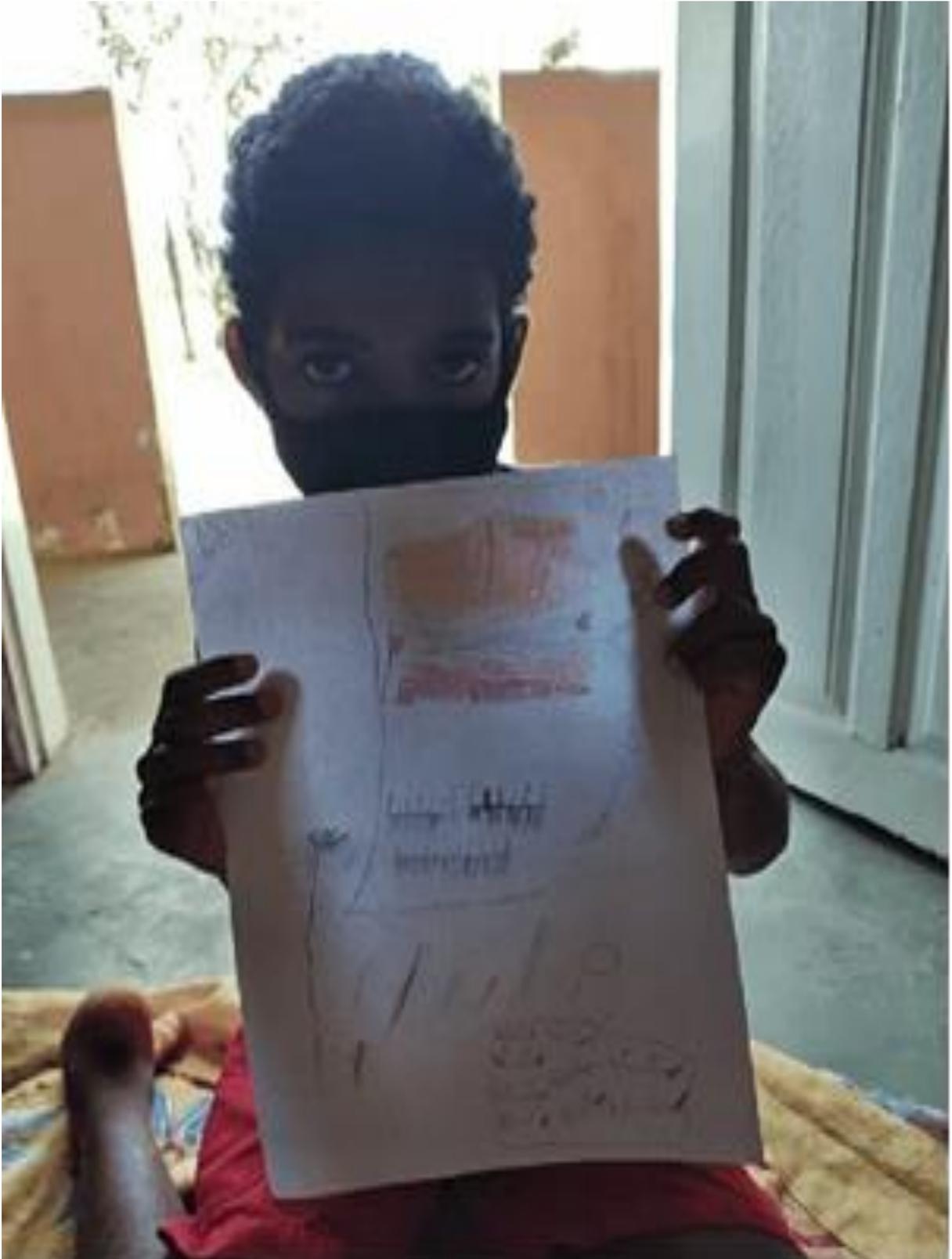




Dos desenhos produzidos tivemos dois que se diferenciaram dos demais ...



- Desenhei uma câmera de cinema



- É um cinema, cheio de gente

Assim, ao final deste primeiro encontro já conseguimos perceber que outros espaços, a

escola, as salas de suas casas também são cinema. Sendo assim iniciamos esta travessia indo ao encontro destas outras possibilidades de ver e fazer o cinema acontecer.

3.2 O Cinema como possibilitador de olhares.

Assistir um determinado filme em si já é um ato educativo. O desenrolar da história ali contada, fala, conecta e nos instiga a pensar a refletir sobre acontecimentos tão pertos e muitas vezes distante de nós. Tal pratica promove um espaço “privilegiado de produção de relações de “sociabilidade”, no sentido que Simmel (1983) dá ao termo, ou seja, de forma autônoma ou lúdica de “sociação” plena entre desiguais, em função de valores.” (DUARTE,2002. P.16).

Desta forma buscando essa socialização, aprendizado e compartilhamento de valores e saberes, iniciamos nosso segundo encontro assistindo ao curta metragem mudo “Mudar o mundo”. A intencionalidade em trazer esses curta-metragem mudo durante os quatro encontros foi em apresentar o que Fresquet (2013) chama de “o outro”, ou seja, o novo é sair do que é costume, rotineiro, e experimentar o diferente do habitual, colocando as crianças em uma situação de alteridade entre o comercial para estarem em contato filmes ainda não conhecidos.

Sem resumir ou falar do que se tratava o filme, foi iniciada a exibição, enquanto assistiam olhares atentos se voltaram a tela.



Ao final da exibição começo a instigar a discussão fazendo alguns questionamentos;

- Do que se tratava o filme?
- *Dos direitos das crianças*
- *Queria um mundo melhor o menino, aí ele desenhava*
- *Eu vi uma criança ameaçada com a faca, que triste isso*

Quais situações o filme retratava?

- *Dormir na rua*
- *Falta de alimento*
- *Falta de trabalho*

Prossigo sequenciando...

Lhes digo que este filme foi produzido em 1992 e pergunto se essas situações ainda se repetem atualmente

- *Sim (responderam todos)*

Por que?

- *Porque tem muita gente que não se importa*

Quem são essas pessoas que não se importam?

- *Toda a sociedade*
- *Prefeitos podem, mas não fazem nada.*

Diante das respostas advindas da discussão podemos trazer para este contexto, a precisão da leitura social que as crianças tiveram e a consciência social que as mesmas possuem, onde em completude com as imagens vistas conseguiram especificar situações como violência, medo, fome, falta dos direitos mínimos necessários para uma criança. Duarte (2012) é bem precisa ao referir-se a esta interpretação. A mesma explana que ao assistir um determinado filme não somos apenas meros receptores, pois antes de tudo somos sujeitos sociais possuidores de crenças, gosto, normas e valores que recebemos ao longo da vida por meio da cultura a qual estamos inseridos e que são essas experiências e trocas que fazem com que consigamos dar significado a mensagem que o filme trouxe.

Desta forma, os filmes e a arte cinematográfica nos impõem a olhar além da tela, além dos olhos, além do obvio e ir em direção ao *ver a reparar*, buscando hipóteses afim de solucionar o que nos tocou. Neste sentido é pertinente citarmos a epígrafe de Saramago (2001) “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Procurando conhecer, o que viram e repararam entrego material para a confecção do nosso livro de desenhos, onde apresentaram problemas que evidenciam em nossa sociedade e o que fariam para solucioná-los.



Resultados das produções:



Problema: pessoas sem tem o que vestir

Solução: loja de roupa grátis



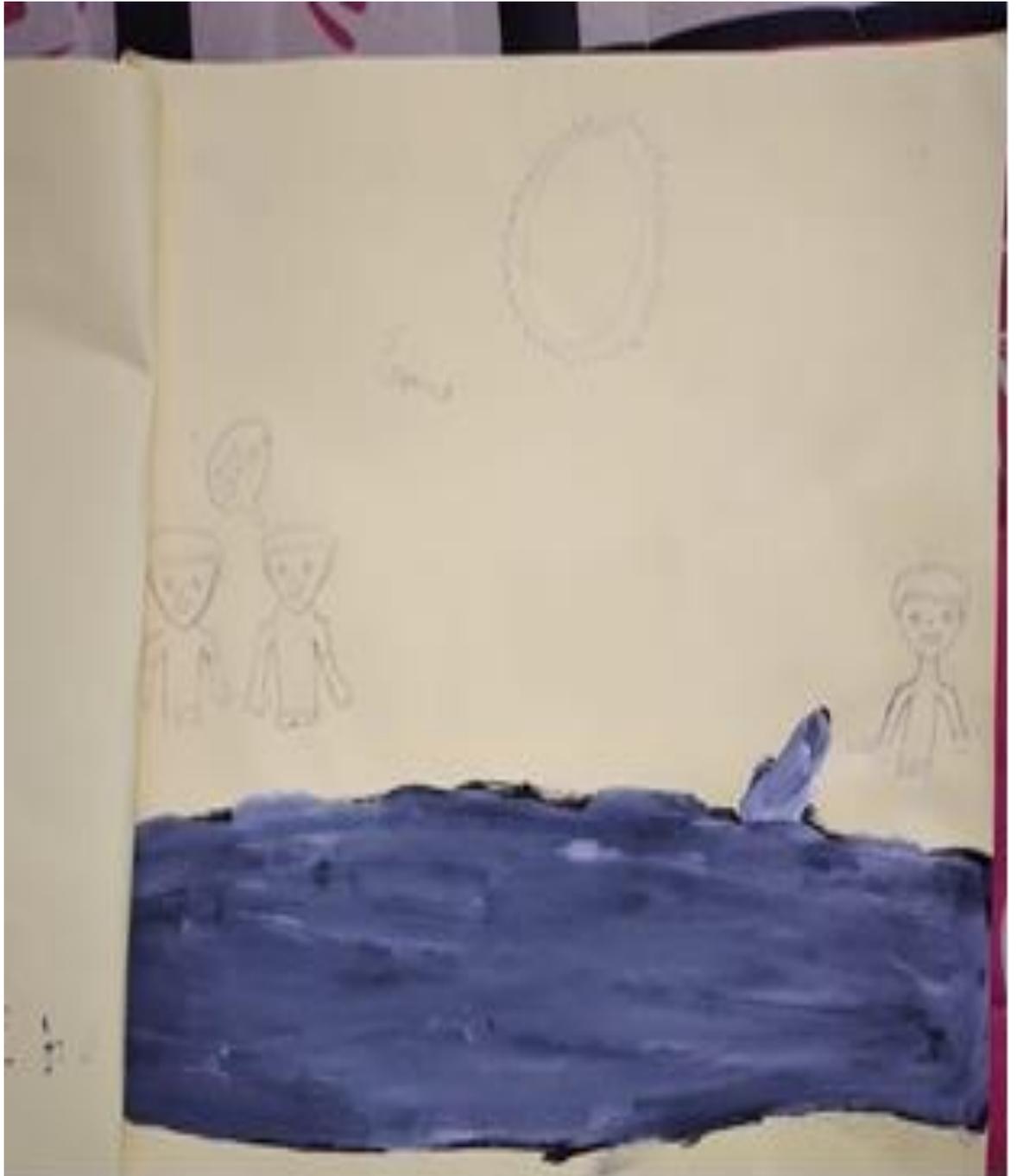
Problema: pessoas sem casa

Solução: fazer casas para pessoas que não tem



Problema: Poluição do planeta

Solução: Plantar árvores



Problema: Suicídio

Solução: Conversar e ajudar



Problema: Saúde e violência
Solução: fazer mais hospitais.



Capa do livro produzido, com título e ilustração escolhido pelas crianças.

Nesta atividade tornou-se notório a possibilidade do cinema enquanto atividade para reforçar valores, sentimentos como o amor, ajuda ao próximo, preocupação com a sociedade, demonstrando a verdadeira magia da infância em solucionar problemas tido para nós adultos como difícil e para as mesmas a solução é tão simples.

A respeito desta situação Fresquet (2013, p.19) nos diz que “o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos assomar ao mundo para ver o que não podemos ver com nossos próprios olhos direto”. Baseando- se nesta janela que nos permite ir além do que foi mostrado no filme assistido, as crianças foram além, principalmente tendo em sua maioria a representação de problemas que o incomodam e quem possuem em seus corações o desejo de soluçona-los.

Dentre os anseios tivemos uma criança que retratou o suicídio como um problema e a forma que sugeriu de solucionar este problema foi a conversa e oferecer ajuda. Infelizmente, este é um problema recorrente na cidade que residimos, onde atualmente um

jovem bem conhecido na cidade se suicidou, abalando todo o município. Por meio do relato desta situação foi demonstrado a necessidade de apoio psicológico para crianças e adolescentes desde muito cedo, sendo esta mesma problemática percebida e trazida pelo olhar das crianças.

Deste modo antes desta janela se assomar ao mundo ela se interioriza e olhos que antes se voltavam para algo ou situações distantes, se volta agora para acontecimentos próximos. Assim, “ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato possível”. (FRESQUET, 2013, p.19)

3.3 A janela vira-se espelho: O cinema como auto- retrato.

Somos constituídos de diferenças e são estas diferenças que nos tornam seres únicos. Torna-se necessário a discussão desde muito cedo sobre a diversidade, buscando desta forma valorizar e reforçar cotidianamente para que desde muito cedo as crianças tenham consciência e principalmente orgulho de serem que são. Na terceira oficina deste trabalho buscou-se trabalhar a diversidade presente no grupo de crianças e a valorização das características físicas das mesmas. Durante a exibição do curta metragem *Hair love*, as crianças se divertiram bastante, principalmente na cena em que o pai está lutando contra o cabelo crespo da filha tentando prendê-lo.



É principalmente nesta cena do filme que podemos ver a capacidade do Cinema em trazer conteúdos necessários de uma forma descomplicada e leve, nos instigando a supor que, talvez, se este conteúdo fosse trabalhado somente em sala de aula com a explicação do docente, não teria o mesmo efeito. Desta forma vemos a potencialidade da parceria do cinema e Educação no que diz respeito ao aprendizado simples e marcante. A respeito desta associação Fresquet (2013, p.20) nos diz que:

“Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção do sensível e intelectual do conhecimento”

Não estamos aqui nos referindo a utilização de filmes em sala de aula afim de simplificar um determinado conteúdo, muito pelo contrário, estamos incentivando a sua pratica e leveza em provocar questionamentos e reflexões acerca de questões pertinentes e necessárias. Afim de discutirmos sobre estes assuntos após a exibição fílmica foi lhes perguntado

Sequencio:

O que acharam do filme?

- Legal
- Melhor do que o de ontem, é mais divertido
- O pai ficou com medo do cabelo da filha
- Ele reflete a vida também

Qual foi o tema central?

- Cabelo de pessoas negras
- Preconceito
- Precisou de uma luta livre pra pentear o cabelo
- Não tem cabelo feio, o pai errou porque queria prender e esconder o cabelo dela
- É um sofrimento antigo, desde que os negros eram escravizados

Nota-se que no decorrer da discussão as respostas se interligam, o que é totalmente compreensível tendo em vista que as crianças integram o mesmo grupo cultural. Assim, exemplos reais foram sendo mencionados, como por exemplo um episódio de um reality show brasileiro em que um cabelo crespo de um participante foi comparado ao cabelo de um desenho animado pré histórico. Atualmente com os avanços históricos estamos tendo um maior esclarecimento e valorização da beleza negra que a muitos anos foi suprimida por um padrão europeu que tinha somente a pessoa branca como bela. Buscando reforçar esta valorização alguns materiais foram levados, afim das crianças representarem a sua beleza por meio de auto-retratos.



O Auto Retrato.

“No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!”
Mario Quintana ²⁰

²⁰ Fonte: <http://centenarioquintana.blogspot.com/2006/03/o-auto-retrato.htm>





Resultado das produções...



Ao observarmos os auto retratos produzidos pelas crianças, podemos refletir acerca do olhar; um olhar que é só nosso. O “ver” diz respeito ao outro, mas o como eu me reconheço é bem particular e assim também ocorre quando colocamos as crianças em contato com o “outro” (cinema) onde o ato de assistir pode até ser coletivo, mas o de se sentir tocado por determinada cena e conteúdo trazido, é algo bem subjetivo.

3.4. Vamos falar de inclusão!

Antes de iniciarmos este subcapítulo torna-se necessário trazermos a definição de incluir segundo Silva (2012, p.2) que diz que:

“Incluir, portanto, não significa homogeneizar, mas, ao contrário, dar espaço para a expressão das diferenças. Uma diferença que se mostra não como desigualdade, mas como afirmação contundente do princípio de que todos são iguais no universo dos direitos humanos, da liberdade de expressão, da sobrevivência com dignidade e das oportunidades”

Baseando-se neste princípio de inclusão, que visa a valorização das diferenças e sendo estas as responsáveis por um universo tão diverso, nossa última oficina teve como base o curta metragem “*Inclusão*” que além de trabalhar o tema tão importante também trouxe consigo a matemática apresentada por meio das formas geométricas que são as personagens do filme.



Disseram...

- *Oh que desenho massa*
- *Olha a bola tem olho*
- *Porque fazem isso com a bolinha*
- *Olha o amigo dela*
- *Hummm*

Risos

Prosseguem...

- *Ela ta solitária*
- *Oh que negócio louco*
- *Fiquei com pena da bolinha ta sozinha*
- *Eta expulsaram os amigos novos dela*
- *Mas tem outras bolas ali*
- *Ela vai escolher quem*
- *Eu escolhia que ficou comigo quando tava sozinha*
- *Eba ela escolheu os diferentes*

Nesta sequência de diálogos, vemos o reforçar de vários sentimentos e valores, tais como ajuda ao próximo, amor, acolhimento e amizade. Vale ressaltar que esta conversação aconteceu entre eles durante as cenas do filme, o que nos leva a refletir que a Educação está para além de ser conteúdo, ela também é valores, sentimentos, princípios e que o cinema utilizado de forma pedagógica em espaços educativos atrela-se de maneira exitosa tornando o ato de aprender uma experiência incrível. Demonstrando que a magia do cinema realmente havia acontecido pois ao mesmo tempo em que assistimos ao filme de forma coletiva o individual também se fez presente a cada opinião dada e sendo o cinema uma arte que engloba tantas outras formas de expressão e por se tratar da experiência aqui ter sido realizada com crianças, os diálogos ocorridos no decorrer do filme expressam o entrosamento das mesmas com a história ali contada



Após a exibição do filme dialogamos sobre o que as crianças acharam do filme.

Elas disseram:

- *Bom*
- *Não precisa ser igual pra ficar com as pessoas*
- *Igual ou diferente não importa*
- *Falou da desigualdade social*
- *Pode ser do racismo também ou da pessoa com deficiência*

Por termos como personagens as figuras geométricas, as crianças tiveram várias sugestões sobre o que se tratava ao filme, todas elas muito assertivas pois em todas as suposições existe a necessidade de incluir seja qual for a diferença.

A fim de conhecer um pouco mais o que as crianças pensavam a respeito da inclusão fizemos a escolha de cenas deste mesmo filme para conversarmos por etapas, a este método Fresquet (2013, p.54) denomina-o como “*trabalho com fragmentos*”.

Sequencio:

Cena 1: No início as figuras estão agrupadas por semelhanças e só está sozinha a bola onde a mesma é excluída de todos os grupos por ser diferente e não se adequar a semelhanças dos demais.

- *É como se fosse racismo, não queriam ela perto*
- *Pode acontecer na Escola quando não quer brincar com o colega*

Cena 2: A bola entra em uma sala onde todas as figuras são diferentes e é acolhida pelos demais.

- Cada um de uma cor, tem triângulo, quadrado
- Se deu bem porque todos são diferentes e não se importaram com a forma dela
- Porque eram amigos de verdade e não se importam com as diferenças
- É melhor ficar com os diferentes

Cena 3: em um determinado momento a bola encontra sua família onde todos são iguais a ela, mas sua família não aceita seus amigos diferentes e a bola tem que escolher entre os iguais (família) ou os diferentes (amigos que conquistou)

- Ela escolheu os diferentes
- Foi porque deram amor e atenção a ela
- A família não queria os outros que ajudou ela, ela ficou com os amigos.

Qual foi o tema central deste filme?

- Igualdade social
- Amizade
- Respeitar as diferenças
- Inclusão
- Incluir outras pessoas

Ao final do dialogo percebemos que muitas vezes subestimamos as crianças no que diz respeito a situações consideradas por nós adultos como muito complexas para determinadas faixas etárias, mas que devem ser trabalhadas desde muito cedo. É notório a sensibilidade infantil em ir além do que está sendo mostrado na tela e a capacidade de transformarem a tela em janelas que se abrem e se expandem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta travessia podemos constatar que chegar ao local que queríamos é sim importante, mas que é no caminho que trilhamos até chegar a ele que encontramos o real sentido que nos fez prosseguir. A cada passo dado, filme assistido e conversas posteriores às exibições, podemos ver na prática a positividade da utilização pedagógica do recurso cinematográfico, seja para a ampliações do repertório estético cinematográfico das crianças, seja para o aprendizado de novos conteúdos, reforço de temas já conhecidos, incentivo e valorização de sentimentos, posturas e valores. É cabível ressaltarmos a importância da mediação posteriores as exibições dos filmes com perguntas incentivadoras que serviram como guia e direcionamento para percorremos o caminho.

Durante esta caminhada tivemos centrados em conectar o outro (cinema) aos sujeitos (crianças) e como foi gratificante apresentar às crianças os filmes que propusemos indo totalmente em oposição ao gosto, saindo do comum e indo em direção ao ALTERNAR. Dando, deste modo, vez e voz às crianças para estarem livres de interferências. Para com espontaneidade falaram de si, do outro, de assuntos sociais importantes do seu modo, de maneira LEVE.

Ao refletirmos sobre a real magia do cinema, que é uma arte complexa que engloba em si outras tantas maneiras de expressão, e ao uni-lo à educação tivemos uma parceria exitosa principalmente ao trabalharmos assuntos complexos que com um único exemplo conseguimos destrinchar tantas outras situações pertinentes que se interligaram.

São janelas que se abrem se EXPANDEM e se INTERIORIZAM. É assim que o cinema se fez acontecer na experiência aqui relatada. As vezes não precisamos ir tão longe, nós somos livros onde a cada dia uma nova página escrevemos e é na releitura das páginas já escritas que evoluímos o aprendizado para páginas futuras e foi buscando esta interiorização que o cinema tornou-se espelho, fato este evidenciado quando assistimos a uma situação de forma coletiva e os olhares subjetivos voltaram-se a situações que os incomodaram e os tocaram.

Assim sendo, percebemos a importância do cinema na prática como um recurso pedagógico que nos permite alternar, expandir, interiorizar e se fazer leve dentro do contexto educativo. Como um recurso vasto, podemos dizer que este estudo é um dos tantos trajetos de uma estrada infinita possível e eficaz ao falarmos de cinema e educação.

Espero que este trabalho sirva como inspiração para travessias futuras, buscando ampliar os estudos de um recurso tão utilizado nas escolas e com tão poucas discussões ainda a respeito.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas** / Aidil de Jesus Paes de Barros, Neide Aparecida de Souza Lhfeld. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

BENTO, Franciele; NEVES, Fátima Maria. Seminário do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. **A educação e o cinema de animação: em estudo a Turma da Mônica.**

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo. Brasiliense, 2006.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRASIL. Decreto nº 24.651, de 10 de junho de 1934. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro. Seção 1, p. 14276, jul. 1934.

BRASIL. Decreto nº 5.077, de 29 de dezembro de 1939. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro. Seção 1, p. 29444, dez. 1939.

BRUZZO, C. . **Filme Ensinante: o interesse pelo cinema no Brasil. Pro-Posições** (Unicamp) , Campinas, v. 15, n.1(43), p. 159-173, 2004.

CAMPOS, Renato Márcio Martins. **História do Cinema Brasileiro: Os Ciclos de Produção Mais Próximos ao Mercado.** In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. Anais II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, SC.: Jornalismo UFSC, Sindicato dos Jornalistas, Federação Nacional dos Jornalistas, 2004

CÁNEPA, L. L. **Cinema Expressionista Alemão.** In: Fernando Mascarello. (Org.). História do Cinema Mundial. 7ed. Campinas: Papyrus, 2013, v. 1, p. 55-87.

CARLAN, L. A. Cinejornalismo na era Vargas: ensinar ou doutrinar. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. GT História da Mídia Audiovisual e Visual, 2015.

CASTRO, Lucia Rabello de. **Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens.** IN: CASTRO, Lucia Rabello e BESSET, Vera Lopes. Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa /FAPERJ, 2008

CASTRO-TANAJURA, Laudelino Luiz ; BEZERRA, A. A. C. . **PESQUISA-AÇÃO SOB A ÓTICA DE RENÉ BARBIER E MICHEL THOLLENT: APROXIMAÇÕES E ESPECIFICIDADES METODOLÓGICAS.** Pesquiseduca , v. 07, p. 10-23, 2015.

CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de imagens: **o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930.** Educação & Sociedade v. 31, p. 01-20, 2010.

_____ **O Cinema Educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea.** In Texto (UFRGS. Online) UFRGS, v. 1, p. 1-10, 2005.

_____ **O Instituto Nacional de Cinema Educativo: o cinema como meio de comunicação e educação.** In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004.

COSTA, F. M. **A inserção do som no cinema: percalços na passagem de um meio visual para audiovisual.** In: I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Rio de Janeiro. Anais do I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: Fernando Mascarello. (Org.). História do cinema mundial. 7ed.Campinas, SP: Papirus, 2006, v. 1, p. 17-52.

DIAS, Rosangela de Oliveira. **Representações da cidade do Rio de Janeiro: Chanchada e Cinema.** 2008

Divertida Mente. Produção de Pete Docter. Estados Unidos. Inside Out (Original), 2015. Vídeo (94 minutos) Novo.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, Maria rosaria. **Neo-realismo italiano.** In: Fernando Mascarello. (Org.). História do cinema mundial. 1ed.São Paulo: Papirus Editora, 2006, v. 1, p. 191-219.

FÁVERO, M. H. A. **A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática.**

Educar em revista, Curitiba. Editora UFPR. n. Especial 1/2011, p. 47-62, 2011

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da Escola / Ariana Fresquet.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.- (Coleção Alteridade e Criação,2).**

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Alessandra. Poéticas, **cinema e educação- Um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola.** São Carlos: UFScar,2015.

GONÇALVES, Mauricio. **O cinema brasileiro como construtor da identidade nacional: A Bela Época e a Atlântida.** São Paulo.Santos,2007.

GRACIANI, Maria Stela S. **Pedagogia social de rua.** São Paulo: Cortez, 1997.

GREGIO, Gustavo B.; Sandra C. A. Pelegrini, S. C. A. Pelegrini. Estado e Cinema: **A produção cinematográfica na Era Vargas.** REVISTA CORDIS- REVISTA ELETRÔNICA DE HISTÓRIA SOCIAL DA CIDADE, v. 18, p. 82-119, 2017.

Hair Love. Produção Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith e Everett Downing Jr. 2019. Vídeo (6:48 minutos)

HOLLEBEN, I. M. A. S. **Cinema e educação: diálogo possível 2008 (MATERIAL DIDÁTICO).**

Inclusão. Produção Rogério Weikersheimer. 2010. Vídeo (5:53 minutos)

LEITE, G. P. C.; RODRIGUES, Marina. **Resenha A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Revista Contemporânea de Educação, v. 5, p. 98-103, 2010.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial.** Campinas, SP:2006.

Mudar o mundo. Produção Therése Descary. Editado pelo grupo Flaminia Filmes Educativos e Formativos para Crianças, Jovens e Adultos. 1992. Vídeo (10 minutos).

PAES, Bruno Teixeira; FRESQUET, Adriana Mabel. **A ESCOLA E O CINEMA: Algumas reflexões e apreensões frente à Lei 13.006/14.** Revista Teias (UERJ. Online) v. 17, p. 163, 2016.

RICHARDSON, R. J. ; **Como fazer pesquisa-ação.** In: Roberto Jarry Richardson. (Org.). Roberto Jarry Richardson (Org.): Pesquisa-Ação. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004, v. , p. 149-174.

RODRIGUES, C. F. dos S. ... BADKE, C. A.; FABRÍCIO, L.. Zelig - **Entre a linguagem cinematográfica ficcional e documental (WOODY ALLEN - 1983).** 2008. FERREIRA, A. M. Poderosa Afrodite, de Woody Allen.

RUSSO, G. H. A. **Instrumento de produção de dados: Procedimentos Metodológicos da pesquisa.** 2012.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** 19a. ed. São Paulo: Cia. das Letras,2001.

SILVA, A. P. R.; DAVI, T. N. **O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.** Cadernos da FUCAMP, v. 11, p. 23-36, 2012.

SILVA, B. M. D. C.; PEDRO, V. I. D. C; JESUS, P. E. E. M. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA.** Revista Científica Semana Acadêmica, v. 01, p. 00-295, 2017.1a. Cadernos da FUCAMP, v.11, n.14, p.23-36/2012.

SILVA JUNIOR, Nelson. **Cinema Brasileiro Primeiros Anos: Origens e História.** In: III Semana de Artes - Artes Visuais: Novas Direções, 2011, Ponta Grossa - PR. Anais da III Semana de Artes, 2011. p. 90-101.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DÍARIO DE CAMPO

12 de março, 2021

Iniciamos nossa primeira oficina às 09 horas, as crianças chegaram 10 minutos antes e à medida que se sentavam olhares curiosos se voltavam as fotografias que se encontravam no centro do círculo que se formava. Sendo este o nosso primeiro encontro comecei me apresentando e agradecendo a presença de cada um deles, expliquei o motivo de estarmos ali, mas sem deixar claro o assunto que falaríamos neste encontro e nos demais que estariam por vim, solicitei que cada um deles fizesse uma pequena apresentação falando seus respectivos nomes e idade. Após esta pequena apresentação pedir que eles observassem as fotos impressas que poderiam ir passando de um para os outros afim de que todas vissem.

Não demorou muito e perguntaram:

- Vamos fazer o que aqui mesmo?

Respondo, calma já vamos descobrir!

Ao perceber que todos já havia visualizados as fotos, separei uma de cada vez afim de saber o que acham sobre elas.

A primeira foto é da lanterna mágica (primeiras exibições fílmicas)

- Vejo uma sombra

-Reprodução de filme na Igreja

- É filme bíblicos

Pergunto porque vocês acham que este espaço da foto se remete a uma igreja?

- Olha como eles estão vestidos pró, parece aquelas roupas do tempo antigo
- E essa casa parece uma Igreja

Prossigo, que mais que vocês estão vendo?

- Essa luz ta parecendo uma lanterna na parede

Silenciam, explico que realmente é uma lanterna na fotografia e que eram assim que aconteciam as exibições fílmicas inicialmente. Vou para a segunda sequência de foto com uma foto do cinematografo dos irmãos Lumieri e a outra com uma máquina de exibição mais moderna.

A respeito do cinematografo disseram:

- É uma maquina de cinema mais antigo
- Aí é do tempo preto e branco
- De 1970
- Me lembrei de Charles Chaplin, os filmes dele é bem velho mais é engraçado

Sobre a máquina mais moderna;

- Isso é uma maquina de gravação nova
- Sim (disseram o restante das crianças concordando com a fala do colega)

Em seguida mostrei fotografias de crianças assistindo filmes no cinema, com uma farda escolar;

- Vejo crianças felizes
- É crianças de Escola, olha a roupa tudo igual

A ultima foto foi do Cine Theatro Perola de Amargosa

- Parece uma igreja
- É a Igreja daqui de Mutuípe
- Não parece Mutuípe não

Explico que ali é a cidade de Amargosa, e que neste espaço da foto foi o primeiro cinema da região, e que hoje atualmente é a câmara de vereadores da cidade

- Olha pra isso só Mutuípe que não tem
- Mutuípe sempre fica pra trás

Pergunto e agora algum palpite do que vamos falar?

- Meio de assistir filmes
- Cinema antigo
- Produção

- Antigo, moderno

Digo que sim, que vamos falar sobre tudo isso que opinaram, mas principalmente sobre como podemos aprender com os filmes em outros espaços sem ser a sala de cinema especificamente. Começo o dialogo com algumas perguntas afim de saberem o que sabem e o que pensam a respeito desta temática.

O que é cinema para você?

- Um lugar de assistir filmes

- Calmo, tranquilo

- De emoções

- De se expressar, mas só depois lá tem que fazer silêncio

Você já esteve em algum cinema?

- Sim (apenas duas das crianças responderam)

- A escola que levou

- Eu fui a AABB (projeto social da prefeitura Municipal de Mutuípe e Banco do Brasil)

Pergunto aos que já foram como é este espaço?

- Lugar grande, não pode levar comida compra lá

-Tela gigante, com muitas cadeiras, quando vocês forem não senta na frente que o pescoço dói

- Lugar de silêncio

Vocês gostam de assistir filmes?

- Simmmmmmm (respondem todos)

Quais os filmes preferidos de vocês?

- Cabra da peste

- Alto da Compadecida

-Minha mãe é uma peça

- Frozen

- Bem 10

- Mine filme

- Transformers

- Homem aranha

O que é um filme bom para vocês?

- Aquele que reflete sobre a vida

- Um filme elétrico, agitado
- Filme que faz rir
- Que tem aventura
- Um filme não desanimante

O que é um filme ruim para vocês?

- O que não tem ação
- De qualidade péssima, produção péssima também

E os outros espaços pode ser cinema?

- Em casa, na casa dos amigos
- A escola
- O programa da prefeitura

Para finalizarmos, entreguei folhas de papel sulfite, lápis, borracha, giz de cera e pedir que fizessem um desenho de tudo que conversamos principalmente do que conseguiam imaginar ao falar a palavra cinema, tivemos na maioria dos desenhos a representação da sala de suas casas como sendo o cinema. Por fim cada qual apresentou a sua produção e encerramos este primeiro dia às 10 horas, tivemos 1 hora de oficina.

16 de março, 2021

Demos início ao nosso segundo dia de oficina às 09:15, as crianças chegam animadas e logo perguntam;

- Vamos fazer o que hoje?

Assistir um curta metragem, o que acham?

- O que é um curta?

Um filme pequeno (respondo eu)

Antes de iniciar a reprodução do filme lhes dou somente como informação o título do mesmo “Mudar o mundo”. Enquanto assistem o silêncio predominou naqueles 10 minutos de exibição. Após exibição indago por meio de perguntas afim de instigar a participação de todos no diálogo.

Do que se tratava o filme?

- Dos direitos das crianças
- Queria um mundo melhor o menino, aí ele desenhava
- Eu vi uma criança ameaçada com a faca, que triste isso

Quais situações o filme retratava?

- Dormir na rua
- Falta de alimento
- Falta de trabalho

Lhes digo que este filme foi produzido em 1992 e pergunto se essas situações ainda se repetem atualmente

- Sim (responderam todos)

Por que?

- Porque tem muita gente que não se importa

Quem são essas pessoas que não se importam?

- Toda a sociedade
- Prefeitos podem, mas não fazem nada

Ao final desta escuta, entrego folha de cartolina, tintas, giz de cera, lápis, hidrocor e explico que assim como o menino do filme que via as situações pela janela e as modificava em seu caderno apresentando uma solução para cada situação, eles também poderiam fazer isso, que era pra pesarem uma situação que lhes desagradavam e desenhassem em metade da folha e na outra metade a solução que dariam a este problema, e assim começaram a produção.

Enquanto desenhavam conversavam uns com os outros sobre o que produziam, uma criança questionou a outra

- O que você fez?
- Um homem jogando lixo na rua
- Isso não é triste, tem coisas piores no mundo
- E o planeta morrer não é triste não, tu ficar sem teu planeta tu vai ver

E continuam ao desenhar ...

Assim que acabaram começaram um de cada vez a expor o que produziram, tivemos algumas questões levantadas como meio ambiente e poluição, a questão de moradia, a questão financeira, e o suicídio (fato este devido a recentemente terem acontecido situações em nosso município). Juntamos todas as produções e formamos um livro gigante ao qual deram como título Direitos Humanos. Encerramos às 10:30.

18 de março,2021

Como de costume começamos as atividades as 09 horas, com a exibição do curta metragem Hair love que trata da autoafirmação e valorização da pessoa negra, direcionado mais especificamente a valorização do cabelo crespo, iniciamos com a apresentação do

título e a exibição dos filmes, neste curta as crianças ficaram mais agitadas riram de algumas cenas principalmente na que o pai luta com o cabelo da filha objetivando prendê-lo. Pergunto:

O que acharam do filme?

- Legal
- Melhor do que o de ontem, é mais divertido
- O pai ficou com medo do cabelo da filha
- Ele reflete a vida também

Qual foi o tema central?

- Cabelo de pessoas negras
- Preconceito
- Precisou de uma luta livre pra pentear o cabelo
- Não tem cabelo feio, o pai errou porque queria prender e esconder o cabelo dela
- É um sofrimento antigo, desde que os negros eram escravizados
- Vocês firam o BBB, falaram do cabelo do homem
- Eu não assisto não, o cabelo dele é como
- Black, maneirão
- É errado falar do cabelo dos outros, somos todos bonitos como Deus fez.

Ao final do dialogo entreguei alguns materiais como lã, tinta, macarrão de diferentes formatos, feijão e arroz e solicitei que eles fizessem um autorretrato delas, ao final cada um apresentou a si mesmo. Encerramos às 10 horas.

23 de março, 2021

Começamos as 09 horas, expliquei as crianças que este seria o ultimo dia das nossas oficinas e que assistiríamos ao curta metragem Inclusão, este curta tem como personagens centrais as figuras geométricas, durante a exibição do filme conversaram

- Oh que desenho massa
- Olha a bola tem olho
- Porque fazem isso com a bolinha
- Olha o amigo dela
- Hummm
- Risos
- Ele ta solitário

- Oh que negocio louco
 - Fiquei com pena da bolinha ta sozinha
 - Tem outra amiga, pô
 - Parece que esse vai ser o único amigo dela
 - Dançam junto com a bola
 - Ê é festa, parecem amigos
 - Eta expulsaram os amigos novos dela
 - Mas tem outras bolas ali
 - Ela vai escolher quem
 - Eu escolhia que ficou comigo quando tava sozinha
 - Eba ela escolheu os diferentes
- E aí o que acharam?

- Bom
- Não precisa ser igual pra ficar com as pessoas
- Igual ou diferente não importa
- Falou da desigualdade social
- Pode ser do racismo também ou da pessoa com deficiência

Seleciono três cenas do filme para assistirmos novamente e conversamos. Cena 1, onde no inicio as figuras estão agrupadas por semelhanças e só está sozinha a bola e a mesma é excluída de todos os grupos por ser diferente.

- É como se fosse racismo, não queriam ela perto
- Pode acontecer na Escola quando não quer brincar com o colega

Cena 2, A bola entra em uma sala onde todas as figuras são diferentes e é acolhida pelas demais.

- Cada um de uma cor, tem triangulo, quadrado
- Se deu bem porque todos são diferentes e não se importaram com a forma dela
- Porque eram amigos de verdade e não se importam com as diferenças
- É melhor ficar com os diferentes

Cena 3, em um determinado momento a bola encontra sua família onde todos são iguais a ela, mas sua família não aceita seus amigos diferentes e a bola tem que escolher entre os iguais (família) ou os diferentes (amigos que conquistou)

- Ela escolheu os diferentes

- Foi porque deram amor e atenção a ela
- A família não queria os outros que ajudou ela, ela ficou com os amigos.

Qual foi o tema central deste filme?

- Igualdade social
- Amizade
- Respeitar as diferenças
- Inclusão
- Incluir outras pessoas

Sendo o nosso último encontro agradei pela colaboração de todos, e tivemos um lanche compartilhado, encerramos às 11 horas.